



# **Educação Ambiental para o Desenvolvimento Sustentável em São Tomé e Príncipe**

**Eugénio dos Santos Neves**

*Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Bragança para obtenção do  
Grau de Mestre em Educação Ambiental*

Orientada por:

**Professora Doutora Maria do Nascimento Esteves Mateus**

**São Tomé**

**2015**



## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais, Salvador e Esperança Neves pelo incentivo e apoio, pelo que são e representam na minha vida.



## **AGRADECIMENTOS**

A realização deste trabalho não seria possível sem a colaboração e a dedicação de várias individualidades às quais desejo agradecer. É pois o resultado visível de um esforço abnegado e uma vontade sem medida de participar no desenvolvimento sustentável de São Tomé e Príncipe.

Gostaria, em primeiro lugar de expressar o meu profundo reconhecimento à Professora Doutora Maria do Nascimento Esteves Mateus pela paciência, sugestões e sábia orientação neste estudo.

A todos os docentes que colaboraram nesta gratificante tarefa, deixo igualmente aqui expresso os meus sentidos reconhecimentos.

Não posso deixar de dirigir também uma palavra de especial apreço aos responsáveis das associações dos guias turísticos de São Tomé e Príncipe bem como a todos os profissionais que comigo embarcaram nesta deliciosa aventura.

Todas as palavras do mundo são poucas para agradecer à minha família, em especial à minha esposa e às minhas filhas, pela forma como acompanharam todo este percurso, pelas atenções que lhes devia e que este trabalho limitou, esperando poder compensá-las.

Finalmente, agradeço a Escola Superior de Educação de Bragança e a Universidade de São Tomé e Príncipe, por propiciarem oportunidade de aprender, concluir e apresentar o presente trabalho.



## **RESUMO**

A importância deste estudo sobre “Educação Ambiental para o Desenvolvimento Sustentável em São Tomé e Príncipe” reside no facto de poder contribuir para a promoção do crescimento de uma consciência ambiental dos guias turísticos, a fim de poderem ter um papel mais ativo na construção de um turismo mais sustentável.

No sentido de obter respostas para a questão se os guias turísticos de São Tomé e Príncipe (STP) poderão, utilizando práticas ambientais alicerçadas numa formação adequada ao exercício da sua atividade profissional, contribuir para um turismo sustentável, foram definidos os seguintes objetivos: identificar que tipo de formação os guias turísticos de STP têm para o exercício da sua atividade profissional, conhecer as práticas utilizadas pelos mesmos e evidenciar a sua função, enquanto elos de ligação entre o turista e o produto turístico local, na promoção do crescimento da consciência ambiental e do desenvolvimento do turismo sustentável.

A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa, tendo como técnica de recolha de dados entrevistas semiestruturadas, aplicadas a três guias turísticos da Associação de Guias de Turismo de São Tomé e Príncipe e a três da Associação Monte Pico, selecionados de forma intencional. Uma análise de conteúdo permitiu clarificar a questão e os objetivos do estudo e uma ação de formação sobre conceitos em educação ambiental e turismo sustentável, permitiu modificar as concepções alternativas dos sujeitos face a um problema em estudo.

**Palavras-chave:** educação ambiental; guias turísticos; turismo sustentável.

## **ABSTRACT**

The importance of this study on "Environmental Education for Sustainable Tourism in Sao Tome and Principe" is that can contribute to promoting the growth of environmental awareness of tour guides, so that they can take a more active role in building a more sustainable tourism.

In order to get answers to the question if the tour guides of Sao Tome and Principe (STP) may, using environmental practices grounded in appropriate training for performing their professional activity, contribute to sustainable tourism, the following objectives were defined: to identify which type of training the STP tour guides have for the exercise of their professional activity, know the practices used by them and highlight their function as links between the tourist and the local tourist product, in promoting environmental awareness and growth of sustainable tourism development.

The methodology was qualitative in nature, with the data collection technique semi-structured interviews, applied to three tour guides of the Tourist Guides Association of Sao Tome and Principe and three of the Association Monte Pico, selected intentionally. A content analysis clarified the issue and the study objectives and action training on concepts in environmental education and sustainable tourism contributes to modify the alternative conceptions of the subjects faced with a problem under study.

**Keywords:** environmental education; tourist guides; sustainable tourism.

## ÍNDICE GERAL

<b>CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO II - ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....</b>	<b>3</b>
2.1- TURISMO SUSTENTÁVEL .....	3
2.2- TURISMO SUSTENTÁVEL VS ECOTURISMO .....	4
2.3- A EDUCAÇÃO AMBIENTAL VS ECOTURISMO .....	7
2.4- A EDUCAÇÃO E TURISMO SUSTENTÁVEL – O CASO DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE .....	9
2.5- A IMPORTÂNCIA E O CONCEITO DE GUIAS DE TURISMO .....	14
2.6- A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS GUIAS DE TURISMO.....	16
2.7- OS GUIAS DE TURISMO EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE .....	20
<b>CAPÍTULO III - METODOLOGIA .....</b>	<b>23</b>
3.1- NATUREZA DA INVESTIGAÇÃO.....	23
3.2- INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS – INQUÉRITO ATRAVÉS DA ENTREVISTA.....	24
3.3- FORMULAÇÃO DO PROBLEMA E DOS OBJETIVOS .....	29
3.4- CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO DE ESTUDO.....	30
3.5- TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO.....	32
<b>CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>35</b>
4.1- APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS REFERENTES A E1 .....	35
4.2- APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS REFERENTES A E2 .....	40
4.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	43
<b>CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>49</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>53</b>
ANEXO I – GUIÃO DA PRIMEIRA ENTREVISTA AOS GUIAS TURÍSTICOS DE STP .....	55
ANEXO II – GUIÃO DA SEGUNDA ENTREVISTA AOS GUIAS TURÍSTICOS DE STP .....	57
ANEXO III – TERMO DE CONSENTIMENTO DA ASSOCIAÇÃO MONTE PICO .....	58
ANEXO IV – TERMO DE CONSENTIMENTO DA ASSOCIAÇÃO DOS GUIAS TURÍSTICOS DE STP .....	59
ANEXO V – TRANSCRIÇÃO INTEGRAL DA PRIMEIRA ENTREVISTA.....	60
ANEXO VI – TRANSCRIÇÃO INTEGRAL DA SEGUNDA ENTREVISTA .....	71
ANEXO VII – MODULO 1. ASPETOS HISTÓRICOS E CULTURAIS DE STP .....	77
ANEXO VIII – MODULO 2. CONCEITOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	79
ANEXO VIX – MODULO 3. TURISMO SUSTENTÁVEL .....	81
ANEXO X – MODULO 4. TÉCNICAS E PRÁTICAS PROFISSIONAIS .....	83

## ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 3 – PLANO DE AÇÃO DE FORMAÇÃO PARA OS GUIAS TURÍSTICOS .....	28
TABELA 1 - GUIAS DA ASSOCIAÇÃO MONTE PICO .....	32
TABELA 2 - GUIAS DA ASSOCIAÇÃO DOS GUIAS TURÍSTICOS DE STP.....	32

## **SIGLAS**

**EA** – Educação Ambiental

**STP** – São Tomé e Príncipe

**AGTSTP** – Associação dos Guias Turísticos de São Tomé e Príncipe

**AMP** – Associação Monte Pico

**OMT** – Organização Mundial do Turismo

**MICT** – Ministério da Indústria, Comércio e Turismo

**MMA** – Ministério do Meio Ambiente da Amazónia

**WWF** – *World Wide Fund For Nature* (Fundo Mundial para a Natureza)

**WTO** – *World Tourism Organization* (Organização Mundial do Turismo)

**GAMP** – Guias da Associação Monte Pico

**GAGTSTP** - Associação dos Guias Turísticos de São Tomé e Príncipe

**E1** – Primeira entrevista

**E2** – Segunda entrevista

**MTCI** – Ministério do Turismo, Comércio e Industria

**CORFGT** – Comissão de Organização e Realização da Formação para os Guias Turísticos

## **CAPÍTULO I - Introdução**

Este trabalho resulta da investigação desenvolvida no quadro da dissertação de Mestrado em Educação Ambiental (EA) cujo tema é “Educação Ambiental para o Desenvolvimento Sustentável em São Tomé e Príncipe”. O Turismo Sustentável pode ser um dos passos marcantes rumo ao Desenvolvimento Sustentável de São Tomé e Príncipe (STP) e é a convicção do investigador de que o desenvolvimento de um Turismo Sustentável seja um dos maiores desafios que se apresenta ao país e aos sãotomenses.

STP surge no panorama internacional como um país dotado de potencialidades únicas ao nível dos ecossistemas, da cultura, da história, da gastronomia, pelo que reúne condições propícias à promoção de um turismo sustentável. O desenvolvimento do turismo é também assumido a nível nacional, como um dos setores mais importantes na interação dos sãotomenses e das suas culturas, sempre que se aborda o desenvolvimento do país. Este setor pode assumir um papel importante na estrutura económica, através da captação de recursos financeiros para gerar riqueza e estruturas de desenvolvimento.

A relevância do turismo explica a vontade das autoridades sãotomenses em implementar uma mentalidade direcionada para a preservação e conservação dos recursos naturais, tanto em termos institucionais como em termos populacionais. O projeto do Parque Natural Obô, a recente decisão da introdução dos programas de EA nas escolas e o desenvolvimento do ecoturismo como o tipo de turismo que mais se adapta às características do arquipélago, são alguns dos exemplos dessa vontade política.

A atual importância do ecoturismo na sociedade não está apenas baseada na variável económica, mas principalmente no seu potencial educativo e de conservação da natureza, advindos das experiências e sensações vivenciadas na natureza. Mas, no mercado ecoturístico podem-se identificar atividades nem sempre comprometidas com os seus objetivos, pois os aspetos económicos imediatistas sobrepõem-se aos aspetos sociais, culturais e ambientais. Mas a EA pode tornar-se uma importante ferramenta para a promoção do desenvolvimento sustentável do ecoturismo sem que, contudo, essa atividade deixe de ser valorizada economicamente em STP. Daí a escolha deste tema “A Educação Ambiental para um Turismo Responsável e Sustentável em São Tomé e Príncipe”.

Enquanto profissional do setor do turismo, o investigador reconhece que os profissionais do turismo em geral e os guias de turísticos em particular, dispõem de poucos conhecimentos sobre a EA. Por outro lado, os guias ignoram o papel que os mesmos podem e devem desempenhar na construção de um país mais sustentável.

A importância desta investigação reside no facto dela poder ser um *menu* de informação acessível nomeadamente à classe educativa, aos profissionais do turismo e às autoridades do país contribuindo, assim, na enorme tarefa de promoção do crescimento da consciência ambiental, expandindo a possibilidade de participação mais ativa da população como uma forma de fortalecer a sua corresponsabilidade na fiscalização e no controle dos agentes de degradação ambiental.

Uma fundamentação do referencial literário ligado à problemática da relação entre a educação ambiental e o turismo sustentável, através do conhecimento do ecoturismo e da conservação da natureza, apresentado no Capítulo I, constituirá o esqueleto de suporte teórico que dará resposta ao problema e aos objetivos definidos no Capítulo II, onde será também apresentada uma caracterização do grupo em estudo.

A metodologia, apresentada no Capítulo III, será de natureza qualitativa, em que uma análise de conteúdo permitirá obter as respostas, através da elaboração e aplicação de duas entrevistas semidiretivas aplicadas a seis guias turísticos, três da Associação de Guias de Turismo de São Tomé e Príncipe (AGTSTP) e três da Associação Monte Pico (AMP), selecionados de forma intencional. Neste Capítulo serão ainda apresentados os instrumentos de recolha de dados e o tratamento da informação.

A apresentação e análise dos dados recolhidos, expressas no Capítulo IV, permitirão uma discussão sobre os mesmos e obter respostas ao problema e aos objetivos formulados. Finalmente, apresentar-se-ão as considerações finais onde uma análise crítica revelará em que medida a questão formulada e os objetivos do estudo foram alcançados, quais os aspetos mais ou menos clarificados e que sugestões poderão ser dadas para que a formação de guias turísticos orientada para uma Educação Ambiental vise um Turismo Responsável e Sustentável em São Tomé e Príncipe. Os anexos servirão para clarificar o texto que serve de base a toda a investigação.

## **CAPÍTULO II - Enquadramento teórico**

Neste ponto serão apresentados os principais elementos teóricos que enquadram e sustentam o estudo empírico desta investigação.

### **2.1- Turismo sustentável**

Segundo a Organização Mundial do Turismo (1999) o Turismo Sustentável deve ser aquele que salvaguarda o ambiente e os recursos naturais, garantindo o crescimento económico da atividade, ou seja, capaz de satisfazer as necessidades das presentes e futuras gerações. Portanto, o desenvolvimento turístico deve pautar-se, tal como estipula o Artigo 3º do Código de Ética - por "economizar os recursos naturais raros e preciosos, principalmente a água e a energia, e que venham a evitar, a produção de dejetos, deve ser privilegiado e encorajado pelas autoridades públicas nacionais, regionais e locais" (p. 7).

O Turismo Sustentável deve acima de tudo buscar a compatibilização entre os anseios dos turistas e os das regiões recetoras, garantindo não somente a proteção do meio ambiente, mas também estimulando o desenvolvimento da atividade em consonância com a sociedade local envolvida. Desenvolver o turismo de forma sustentável implica ações que sejam socialmente justas, economicamente viáveis e ecologicamente corretas, isto é, que atendam as necessidades económicas, sociais e ecológicas da sociedade.

A infraestrutura deve ser concebida e as atividades turísticas programadas de forma que seja protegido o património natural constituído pelos ecossistemas e pela biodiversidade, e que sejam preservadas as espécies ameaçadas da fauna e da flora selvagens. Os agentes do desenvolvimento turístico, principalmente os profissionais, devem permitir que sejam impostas limitações ou obstáculos às suas atividades, quando elas forem exercidas em zonas particularmente sensíveis: regiões desérticas, polares ou de elevadas montanhas, zonas costeiras, florestas tropicais ou zonas húmida, propícias à criação de parques naturais ou reservas protegidas (OMT, 1999), (pag. 8).

O Turismo Sustentável surge como alternativa ao turismo de massa, pois tem a preocupação com a quantidade de pessoas que irão visitar as regiões recetoras. Neste sentido, o planeamento e a gestão do turismo devem estar atentos às questões ambientais, culturais e

sociais, buscando minimizar os impactos da atividade e, fazendo com que os moradores locais estejam inseridos económica e socialmente. Como o empreendedor turístico pode contribuir para o desenvolvimento sustentável do turismo? Através do planeamento de sua atividade turística, o empreendedor deve considerar que a mesma garanta a sustentabilidade, gerando, desta forma, benefícios não somente para os clientes, mas também para o local no qual está inserido. Os fatores primordiais a serem observados no planeamento do turismo são não adoção do turismo de massa; mas desenvolver estruturas compatíveis com o meio ambiente em que se quer instalar e demonstrar ao seu cliente o perfil de turismo que se pretende desenvolver.

Quais as modalidades de turismo que estão mais de acordo com o desenvolvimento sustentável? O ecoturismo é considerado uma das modalidades de Turismo Sustentável, pois se bem gerido, desenvolve-se em harmonia com o local. Contudo, o Turismo Sustentável deve ser desenvolvido por todos, o não atendimento a essa nova realidade fará com que muitos destinos e empreendimentos estejam condenados economicamente, pois perderão a sua atratividade. Este facto já é observado em vários lugares, justamente por não haver políticas públicas e comprometimento das empresas com efetiva sustentabilidade do turismo.

## **2.2- Turismo Sustentável vs Ecoturismo**

A ecologia e a preservação do ambiente, a partir da década de 70, passa a ser um assunto amplamente discutido nos países desenvolvidos com a intervenção activa das Organização das Nações Unidas (ONU) por um desenvolvimento mais inclusivo e harmonioso com a natureza iniciou um ciclo de conferências.

Essas discussões culminaram em documentos como a Declaração de Estocolmo (1972), a Declaração de Cocoyoc (1974), o Relatório Brundtland (1987), a ECO 92 e finalmente a RIO-95. Todo com o intuito de abrir espaços para discutir estilos alternativos de desenvolvimento que compatibilizem as premissas básicas de um desenvolvimento sustentável. (Andres, 1998, p.42)

Para a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (1988) o Desenvolvimento Sustentável é um “Modelo de desenvolvimento económico e social que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras

atenderem às suas próprias necessidades” (p.46). O desenvolvimento sustentável surge, assim, como uma forma de conciliar o desenvolvimento económico, a preservação do ambiente e a valorização cultural das comunidades que o praticam.

Neste contexto, o Turismo Sustentável surge como uma das formas para se alcançar o Desenvolvimento Sustentável, a fim de evitar danos ao meio turístico, minimizando os custos sociais que afetam os moradores das localidades, otimizando os benefícios do desenvolvimento do turismo. Turismo Sustentável é a

maximização e otimização da distribuição dos benefícios do desenvolvimento económico baseada no estabelecimento e na consolidação das condições de segurança sob as quais são oferecidos os serviços turísticos, para que os recursos naturais sejam mantidos, restaurados e melhorados (Pearce apud Beni, 1998, p. 61).

Segundo o Ministério da Indústria, Comércio e Turismo (MICT) do Brasileiro e o Ministério do Meio Ambiente da Amazônia Legal (MMA) (1994), o ecoturismo surge como um dos mais inteligentes instrumentos de viabilização económica para a gestão correta dos recursos naturais, uma alternativa digna de conquista do seu sustento e uma vida melhor, ao mesmo tempo em que assegura às gerações futuras o acesso aos legados da natureza. De acordo com Pires (1998), o ecoturismo expressa um segmento do turismo que se apresenta hoje como uma das principais alternativas para o desenvolvimento sustentado nos destinos turísticos do mundo, em especial em regiões e países de economia mais frágeis. Para Lindberg e Hawkins (1995), o ecoturismo é considerado como um novo e promissor instrumento para preservar áreas naturais frágeis e ameaçadas quanto um meio para propiciar oportunidades para o desenvolvimento das comunidades dos países em desenvolvimento.

A seguir serão apresentadas algumas definições para a atividade ecoturística, considerando os diferentes setores com interesse pelo desenvolvimento da atividade.

Ecoturismo é a realização de uma viagem a áreas naturais que se encontram relativamente sem distúrbios ou contaminação com o objetivo específico de estudar, admirar e desfrutar a paisagem juntamente com suas plantas e animais silvestres, assim como qualquer manifestação cultural (passada ou presente) que ocorra nestas áreas (Pires, 1998, p. 79).

Segundo MICT/MMA (1994) os organismos governamentais encarregados de planear e gerir políticas nesta área definem ecoturismo como “um seguimento da atividade turística

que utiliza, de forma sustentável, o património natural e cultural, incentiva sua conservação e busca uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas” (p. 19).

O ecoturismo é também definido como sendo as viagens realizadas por empresas especializadas com o objetivo de proporcionar ao turista o convívio direto com a natureza, respeitando os princípios do desenvolvimento socioeconómico das destinações, promovendo a educação ambiental e a sustentabilidade dos meios visitados (Ruschmann apud Pires, 1998, p. 84).

Em todas as definições citadas anteriormente, nota-se, que é comum a todas elas, a utilização do meio ambiente, seja ele natural ou cultural, conservado ou pouco alterado para a realização do ecoturismo. Com os novos roteiros na natureza, conhecidos como ecoturismo, a indústria do turismo está em plena expansão, onde materiais e vídeos sobre ecoturismo estão cada vez mais em destaque na média mundial.

De acordo com Lindbergh & Hawkins (1995) é imprescindível que os responsáveis pela gestão de áreas naturais dimensionem o turismo a ser desenvolvido em cada área, para então, elaborar estratégias de planeamento e gestão do ecoturismo. Assim, a estratégia deverá conduzir a atividade, a fim de se alcançarem satisfatoriamente os objetivos e se aproximar da situação desejada, ou seja, garantir a sua sustentabilidade.

Uma estratégia, segundo Lindberg & Hawkins (1995) constitui-se de três fases. A primeira seria avaliar a situação atual da localidade, quanto ao turismo, atrativos naturais, nível de demanda, etc. A segunda fase trata-se de determinar uma situação desejável para o turismo e identificar os passos para concretizá-la. Por fim, a terceira fase diz respeito à elaboração do documento referente a estratégia ecoturística. Uma estratégia ecoturística permitirá aos responsáveis pela administração de áreas naturais fomentarem ou não o ecoturismo, em função dos benefícios ou malefícios que a atividade poderá trazer à natureza e à comunidade local.

A indústria do ecoturismo só terá sucesso se os recursos naturais forem protegidos, e eles só serão protegidos se houver uma estratégia correta de gestão, e se os representantes governamentais, empresários e as comunidades locais assumirem o papel de liderança no processo de formação do produto ecoturístico.

O planeamento bem organizado, criativo e responsável de um roteiro ecoturístico, gera benefícios ambientais e socioeconómicos a todas as pessoas envolvidas com a atividade, aumentando a consciência ambiental da comunidade e dos visitantes, minimizando os impactos negativos que o ecoturismo pode trazer para a localidade recetora.

Atualmente, a viabilização do turismo sustentável, através do ecoturismo, em áreas com grande riqueza natural, é sem dúvida, de fundamental importância para a preservação do meio ambiente natural e sociocultural de uma região. Para tanto, é importante que todos os envolvidos com a atividade (a administração pública, empresários, organizações não governamentais, profissionais do turismo, instituições de ensino, população, entre outros), se unam e se consciencializem que o turismo, como atividade económica, pode gerar empregos, preservar o meio ambiente e valorizar a cultura e as tradições de uma comunidade.

### **2.3- A Educação Ambiental vs Ecoturismo**

A Educação Ambiental tem como um de seus objetivos formar cidadãos conscientes de sua relação com a natureza e com seu *habitat*. A partir dos escritos de Neiman & Rabinovici (2002) conclui-se que a EA, independentemente da metodologia, deve primar pela formação de pessoas conscientes do seu papel e de sua relação com o meio ambiente, de modo a primarem pela sustentabilidade, através do uso racional dos recursos naturais, para que tanto esta quanto as futuras gerações possam também deles usufruir.

O principal objetivo da educação ambiental é o desenvolvimento sustentável, que inclui a prática do turismo sustentável que visa a melhoria da qualidade de vida da comunidade recetora e oferece aos visitantes uma experiência enriquecedora, além de manter a qualidade do meio ambiente do qual todos dependem. Para que esta sustentabilidade ocorra é necessário que as pessoas tomem consciência de que se deve preservar o meio ambiente, através de programas de educação ambiental onde todos os envolvidos na atividade turística ou não, deveriam participar. É nesse sentido que a escola tem um papel fundamental, pois esta é responsável pela educação e formação do cidadão.

Segundo Dias (2003) um primeiro passo é considerar que as escolas têm um papel fundamental na modificação dos padrões de comportamento e consumo das crianças e dos

jovens, com intuito de torná-los agentes ativos no processo de obter melhor qualidade de vida e adequado relacionamento com o meio ambiente natural.

O ecoturismo caracteriza-se por um tipo de viagem realizada à natureza, que utiliza predominantemente recursos naturais como forma de atracção turística, os quais se constituem como matérias-primas para o desenvolvimento do ecoturismo. Trata-se de um movimento turístico recente, que tem obtido relevâncias tanto económicas, sociais, culturais quanto ambientais. A questão ambiental vem sendo considerada cada vez mais urgente e importante para a sociedade, pois o futuro da humanidade depende da relação estabelecida entre a natureza e o uso pelo homem dos recursos naturais disponíveis.

Para Ruschmann (1997) a educação para o turismo ambiental deverá ser desenvolvida por meio de programas não formais, convidando o cidadão-turista a uma participação consciente na protecção do meio ambiente, não apenas durante as férias mas também no quotidiano e no local de residência permanente.

Nos últimos séculos, um modelo de civilização impôs-se, trazendo a industrialização com sua forma de produção de trabalho e a mecanização da agricultura, que inclui o uso intenso de agrotóxicos, e a urbanização com um processo de concentração populacional nas cidades. Segundo Dias (2003), o turismo moderno é um espelho da revolução industrial, pois desta adquiriu a racionalidade capitalista de usar os recursos naturais para ter uma renda. Com todas as transformações ocorridas o turista passa a adquirir o papel que é exigido pelo modelo consumista e individualista, tornando o turismo numa atividade que necessita consumir os recursos naturais disponíveis, sem o menor cuidado, não percebendo que muitos destes recursos não são renováveis. Para Faria & Carneiro (2001) “A relação do turismo com o meio ambiente dá-se principalmente por meio da paisagem, transformada em produto a ser consumido” (p. 70).

À medida que a humanidade aumenta a sua capacidade de intervir na natureza, para satisfação e desejos crescentes, surgem tensões e conflitos quanto ao uso do espaço e dos recursos em função da tecnologia disponível e do desenvolvimento do capitalismo que contribuiu para o início de um novo período, onde as pessoas buscam fugir da vida difícil da cidade e procuram viajar para o campo, fazer caminhadas na beira do mar, excursões. O turismo é uma das atividades económicas mais importantes do mundo e uma das que mais cresce, devido à prática do ecoturismo e segundo Neiman & Rabinovic (2002) como “um

segmento que utiliza de forma sustentável o património natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das populações envolvidas” (p. 154). Mas é preciso que este segmento deixe de preparar os locais visitados e passe a preparar as pessoas para conhecerem os locais, já que estas não possuem uma formação adequada, portanto não saberão respeitar a natureza.

A conceituação de Costa (2002) para o ecoturismo diz que é uma prática que poderá contribuir para a conservação da natureza de modo eficaz e gratificante, ainda mais se estiver amparado em certificações ecológicas das empresas envolvidas, mas para tanto, deve haver participação efetiva da sociedade e formação de profissionais qualificados.

Dias (2003) afirma que não se pode negar que o impacto do turismo sobre o meio ambiente é inevitável, então o que se pode fazer é manter a atividade dentro dos limites aceitáveis, para que não coloque em risco o meio ambiente, causando danos irreversíveis e, assim, os visitantes poderão usufruir melhor do local. Também é importante ressaltar que o turismo não é o único vilão deste processo de modificação ambiental, pois existem outros processos económicos como a exploração abusiva dos recursos naturais que também contribuem para as mudanças ambientais ocorridas nos destinos turísticos. É necessário que os moradores percebam a importância de preservar o meio ambiente, uma comunidade mais consciente estará mais preparada para receber o turista e cobrar dele o mesmo respeito que é dado pelos habitantes do local.

## **2.4- A Educação e turismo sustentável – o caso de são tomé e príncipe**

Segundo WWF (2001) o turismo é consensualmente definido, a nível internacional, como potencial enquanto via para a promoção do desenvolvimento socioeconómico, sendo considerado como o maior setor de atividade do mundo já que, ao longo dos anos, segundo WTO (2006) tem evidenciado um rápido crescimento. Paralelamente, é reconhecido como um dos atributos desta atividade económica a capacidade de dinamizar e produzir mudanças, prioritariamente e de forma mais evidente relacionadas com as dimensões social, cultural, económica e ambiental.

O turismo é, por excelência, um setor que, de acordo com Sutton (1967) se fundamenta no estabelecimento de relações de variada natureza entre dois tipos de atores principais: os turistas ou visitantes, também denominados de “outsiders”; as comunidades locais, de acolhimento ou “insiders”. Apesar, no dizer de Brito (2004) terem um âmbito caracteristicamente temporário, estas relações repercutem-se a curto, médio e longo prazo, produzindo efeitos de ordem social, cultural e económica para as comunidades recetoras, fazendo-se também sentir ao nível ambiental.

No contexto da promoção do desenvolvimento económico, para WTO (1993) o turismo é vulgarmente caracterizado como uma atividade dinâmica, evidenciando capacidade de difusão dos efeitos gerados, integrando outros setores, e estimulando a produção de transformações em cadeia. Mas é essencialmente um setor de atividade económica gerador de emprego, que viabiliza a criação de novos postos de trabalho e a reconversão de outros, valorizando a qualificação por via da formação funcional e a adaptação entre as potencialidades da oferta e a apetência da procura com rentabilização dos recursos disponíveis.

Do ponto de vista sociocultural, o turismo é segundo Brito (2004) simultaneamente uma atividade e uma prática, que resulta no contacto entre atores diferenciados, caracterizados por culturas distintas. Para as comunidades de acolhimento, o turismo é perspetivado como uma alternativa socioeconómica, uma possibilidade de aumentar o rendimento e conseqüentemente de promover uma melhoria nas condições de vida das famílias. Ao contrário, o turista concebe a viagem como uma oportunidade de usufruir de momentos únicos e excecionais num contexto tendencialmente diferente do de residência habitual e por um período de tempo pré-definido.

A maioria dos estudos, e em particular as análises apresentadas pela WTO (1993, 1999 e 2006), definem o setor como uma via para a Paz, por representar uma garantia de aproximação entre povos social e culturalmente caracterizados de forma distinta, fomentando o respeito pelas diferenças. Culturalmente o turismo é entendido, para uns, como uma possibilidade de rentabilização de recursos e de obtenção de um acréscimo no rendimento familiar, pressupondo o desenvolvimento de atividades várias que resultam em novas oportunidades para as populações locais. Mas implica também a criação de expectativas de

mudança, ou seja, de aumento das possibilidades e de melhoria qualitativa das formas de vida que se têm perpetuado como tradicionais e precárias.

Para outros, o turismo é entendido como uma das práticas de lazer e de ocupação de tempos livres por excelência, em que é permitido e viabilizado o contacto com culturas diferentes e pouco conhecidas, assim como com populações que se caracterizam por formas particulares de organização social e portanto relacional, e que, ao longo do tempo, têm mantido práticas tradicionais e ancestrais, muitas vezes dotadas de significados rituais e simbólicos.

O desenvolvimento do setor pode ser entendido como um importante instrumento de reforço das identidades comunitárias, sempre que se verifique valorização e perpetuação das práticas ancestrais, assim como divulgação das particularidades e dos elementos típicos, tradicionais e históricos. Estes elementos referenciais, que segundo McCannel (1973) definem e caracterizam um grupo, são interpretados pelo turista como símbolos do exotismo e da genuinidade procurada durante a viagem e identificados com a identidade cultural comunitária.

A bibliografia de referência alerta para o facto de que a autenticidade genuína, reconhecida como atributo das práticas culturais das populações de acolhimento, perante a presença de turistas, vistos como “outsiders”, é transformada na recriação de momentos tradicionalmente vividos em comunidade com encenação de práticas. De forma associada, nos momentos de lazer, o turista apreende as representações encenadas como se observasse cenas da vida comunitária, sem demonstrar preocupação com a observação consciente e racionalizada que lhe permita distinguir os elementos reais dos encenados. É ainda consensual a ideia de que, sempre que a relação entre os diferentes atores, que se caracterizam por expectativas e motivações próprias, é otimizada resultando de forma equilibrada e fundamentada em comportamentos e atitudes responsáveis, estão reunidas as condições para o incremento do setor.

Contudo, e independentemente do segmento turístico considerado, para Brito (2004) a otimização do setor depende também, e acima de tudo, da interligação entre os atores envolvidos e os espaços onde a prática é desenvolvida, e que a enquadram, o que implica que a dimensão ambiental seja equacionada de forma particular. As potencialidades turísticas identificadas e reconhecidas às ilhas de São Tomé e Príncipe, centram-se na associação entre

as especificidades ambientais, marcadas pela diversidade e pelo endemismo e os traços socioculturais, reforçados pela tradição e pelo costume, assim como pela alguma ancestralidade das práticas. No país, o reconhecimento da existência de áreas protegidas com valor intrínseco tem sido um dos fatores mais importantes para a dinamização do setor, já que se trata de espaços que reúnem de forma natural e espontânea interesse turístico. A análise das atuais tendências da procura turística internacional evidencia uma valorização das dimensões ambiental e cultural aquando da escolha do destino de férias, situação que confirma a importância crescente dos projetos alternativos, qualificados de ecológicos, ambientais e de natureza.

Neste contexto, a posição turística de um país enquanto destino potencial é determinada pela capacidade de oferecer ao viajante a possibilidade de desenvolver um conjunto diversificado de atividades enquadradas por espaços naturais preservados, dotados de biodiversidade, independentemente de se tratar de meios florestais, costeiros ou marinhos, e onde o contacto com a natureza e com as comunidades locais seja uma garantia.

Atualmente, a prática turística fundamenta-se também na valorização da aprendizagem e no aprofundamento do conhecimento sobre os locais visitados, a história, os traços culturais das populações autótonas, as paisagens, a biodiversidade, entre outros aspetos. Neste sentido, a disponibilidade de informação representa uma condição importante para o turista que procura preparar os seus tempos de férias de forma a rentabilizar a estadia desenvolvendo atividades adequadas ao destino escolhido e enquadradas pelos meios que irá encontrar. A preparação da viagem é tão importante quanto os momentos vividos no decorrer da deslocação porque permite antecipá-los de forma responsável, prevendo e minimizando riscos e otimizando os tempos vividos. O turista do mundo contemporâneo, também denominado, segundo Fortuna (1996) de pós turista, caracteriza-se por realizar viagens responsáveis no sentido mais lato do termo, ou seja informando-se, mantendo-se informado e consciente, interagindo de forma respeitosa com as populações, conhecendo os locais e contribuindo para a preservação ambiental e a conservação de espaços e de espécies. Da mesma forma que a disponibilidade de informação é importante para o visitante, também a análise das experiências em curso tem confirmado para as comunidades de acolhimento que contactam direta e indiretamente com os viajantes, que a formação, a informação e a sensibilização, ou seja numa palavra a educação, são condições necessárias para a mudança.

Com base ainda na análise de Brito (2006) conclui-se que nos países africanos em geral e em São Tomé e Príncipe em particular, a dependência das populações em relação ao meio tem-se revelado uma realidade, representando um risco para a preservação ambiental, e para espécies classificadas a nível internacional com o estatuto de ameaçadas de extinção. Esta situação, que se caracteriza por um princípio de ancestralidade e de tradição na relação entre o Homem e a Natureza, tem repercussões para a atividade turística, em particular para os segmentos que se enquadram no Ambiente.

Dada a dependência das comunidades em relação ao meio, de acordo com Brito (2007) a preocupação com a preservação ambiental e com a proteção de espécies tem sido muitas vezes secundarizada no arquipélago de STP. Uma situação que é o resultado do enraizamento ancestral de alguns hábitos e de práticas culturais com importância simbólica, que reforçam a conceção utilitarista do meio, desvalorizando a sua importância intrínseca.

Brito (2007) conclui a sua reflexão afirmando que apesar de marcada pela irregularidade das ações, a consciencialização para o problema da fragilidade ambiental tem aumentado em STP, sendo particularmente exteriorizada através de reflexões, debates, diagnósticos e alertas, mas também pela implementação de ações enquadradas em programas temáticos de preservação, de conservação e de proteção de espécies. Estas ações, que frequentemente revestem um caráter informal, enquadram-se em programas de educação ambiental, desenvolvidos junto das comunidades mas que também simbolizam o exercício de pressão junto dos representantes do poder instituído.

Em STP,

apesar das áreas protegidas estarem claramente definidas, a regulamentação de enquadramento que garanta o desenvolvimento de ações sectoriais de preservação e de conservação é muitas vezes inexistente e, quando existe é marcada pela inadequação às necessidades reais. Dada a estreita ligação entre as comunidades locais e o ambiente, que nele reconhecem de forma prioritária e imediata um valor utilitarista, as áreas protegidas são, em determinadas circunstâncias, e com frequência, confrontadas com ameaças várias que colocam em risco o equilíbrio ambiental, a sustentabilidade e o bem estar social no longo prazo (Brito, 2004, p.74).

## **2.5- A importância e o conceito de guias de turismo**

Rejowski & Solha (2002) ensinam que as últimas décadas do século XX mostraram o caráter complexo e abrangente do turismo num mundo cheio de transformações contínuas, de modo que tudo passa a ser questionado, inovado, recriado e reformatado. Diante desse cenário, impõem-se a sustentabilidade e a globalização. Esses desafios conduzem à importância do planeamento e gestão estratégica, à formação e capacitação de recursos humanos de qualidade e ao desenvolvimento de pesquisas e estudos científicos. Assim, a atividade do Guia está ligada ao serviço de orientação, acompanhamento e transmissão de informações aos turistas.

Kotler (1998) diz que “serviço é qualquer ato ou desempenho que uma pessoa possa oferecer a outra e que seja essencialmente intangível e não resulte na propriedade de nada. Sua produção pode ou não estar vinculada a um produto físico” (p. 142). Assim, o serviço de guia existe em função da necessidade de um profissional apto a apresentar uma região ou localidade e seus atrativos. Vale dizer que os atrativos ou atrações podem ser associados como sinónimos de recursos, baseando-se em Barretto (2001) que conceitua recurso turístico como sendo “a matéria-prima com a qual se pode planejar o turismo num determinado local” (p. 97), a exemplo de praias, montanhas, cascatas, entre outros atrativos. Desse modo, observando as mudanças que acompanham a atividade turística que deve evoluir e se profissionaliza cada vez mais, não se admite a atuação de pessoas como sendo “Guias” sem a devida formação profissional, visto que a atividade turística se profissionalizou.

Segundo Ferreira (2007) guia também é visto, em linhas gerais, como a pessoa ou profissional que acompanha turistas e viajantes, chamando-lhes a atenção para o caminho por onde seguem e dando informações sobre ele e sobre as obras-de-arte, edificações, ou coisas importantes com que vão deparando.

O guia na realidade é muito mais do que um mero acompanhante ou orientador. Trata-se de um artista que sabe conferir cor e calor, a uma paisagem, de um mágico capaz de dar vida as pedras milenares, de um acompanhante que consegue que os maiores distâncias pareçam curtas, de um profissional, definitivo, que torna possível que nos sintamos como em nossa própria casa no interior de um arranha-céu hoteleiro ou de uma cabana africana (Chimenti & Tavares, 2007, p. 19).

Peres (2009) destaca o guia como mediador, entre os locais e visitantes, daí a sua importância. Através das suas visitas guiadas constroem o olhar do turista e localizam o destino de modo a construir o exótico, um verdadeiro folclore em relação ao atrativo. Eles apresentam a janela do destino turístico, passam bastante tempo com os turistas e são os representantes da cultura local. Eles vendem imagens, conhecimentos, contactos, souvenirs, acesso, autenticidade, ideologia.

Nesse caso, deve-se seguir o pensamento de Valle (2004) de que o Guia seja um dos principais atores na linha de frente dos serviços turísticos, pois, através do seu conhecimento e interpretação das atrações destinos, das suas habilidades de comunicação e prestação de serviço, acaba por divulgar a realidade local mostrando os recursos históricos, artísticos, culturais e ambientais em todas as suas dimensões, bem como orienta o turista a desfrutar adequadamente dos mesmos.

De acordo com Chimenti & Tavares (2007) é importante reconhecer a importância do Guia de turismo no produto turístico, tendo em vista que, esse profissional é um agente capaz de multiplicar o turismo, orientar os turistas, enriquecer a cultura destes, bem como cuidar do património natural, histórico e cultural, justamente por ter uma formação pautada na sustentabilidade e na ética.

Trata-se de uma profissão antiga. De acordo com os estudos de Valle (2004) os guias existem desde a antiguidade e foram descritos por Heródoto, grande filósofo e historiador que viveu na Grécia.

Em meados do século XIX, por meios de contornos religiosos, Tomas Cook membro da igreja Batista, teve a ideia de criar uma organização imbuída da função de promover viagens destinadas aos religiosos que tinham a oportunidade de visitar cidades vizinhas, e desenvolver atividades religiosas, passeios e jogos. Rejowski, (2002) lembra que Tomas Cook é considerado o primeiro operador profissional de turismo e o criador das agências de viagens.

Valle (2004) destaca que a profissão de Guia de Turismo ganha enfoque e difunde-se, justamente, com o desenvolvimento do turismo no começo do século XIX que apresentou novas formas, com as grandes viagens. Nesse sentido, essas viagens, de cunho categoricamente diverso daquelas passadas na antiguidade, reuniam pessoas com desejo de explorar e descobrir e com necessidade de aprender e adquirir cultura, bem como

conhecimentos históricos e geográficos das localidades visitadas. Nota-se, a partir de então, que o guia como profissional, já reúne habilidades de relações interpessoais, conhecimento sobre história, cultura, línguas, juntamente com todo o dinamismo inerente à função.

No século XX, a partir da década de 50 ocorreu o chamado “boom” turístico, também conhecido como “turismo de massa”, quando a recuperação económica após a segunda guerra elevou o nível de vida da população ocidental, fazendo surgir o interesse por viagens e outras culturas. Além disso, o aumento de tempos livres, o desenvolvimento e a expansão do transporte aéreo, o aumento do nível de educação, juntamente com a expansão da economia, abertura de mercados e o desenvolvimento do processo de globalização, contribuíram para o avanço do turismo aliado ao interesse das pessoas em conhecer novos lugares, línguas e culturas. Assim, cumpre destacar que todo esse processo culminou com a possibilidade de desenvolvimento e progresso no setor de turismo, porém, trouxe também a exigência por profissionais mais qualificados para atender às novas necessidades do mercado, considerando que a atividade turística está fatalmente centrada na prestação de serviços, atendimento, receção, hospitalidade.

No acompanhamento de turistas, sabe-se que esta “clientela” do Guia é diversificada, podendo constituir diversos segmentos, conforme a renda, o nível educacional e elementos estruturais, destacando aqui a idade, podendo ter como segmentos: jovens solteiros, casais, família, idosos. A formação profissional é importante visto que, a forma de atendimento, as informações prestadas, e até mesmo os itinerários turísticos desenvolvidos variam de acordo com o segmento.

## **2.6- A formação profissional dos guias de turismo**

O novo consumidor de turismo busca a qualidade e a participação. As viagens já não são motivadas apenas pelo desejo de “sol ardente”, mas sim por motivos culturais e ambientais. Hoje, é crescente a busca pelo turismo personalizado, individual e ativo, em substituição ao turismo de massa. Portanto, só será possível atender à demanda do novo turista se as pessoas começarem a se conscientizar de que para ser um profissional do setor, é exigida formação/educação e práticas constantes. O rápido crescimento e transformação da atividade tornou necessária e urgente a formação de recursos humanos capacitados para

atender esse mercado de trabalho que está a exigir profissionais flexíveis, atualizados e com conhecimentos nos diversos ramos do setor do turismo, o que pode incluir formação em cursos técnicos ou em nível superior.

Mas, segundo Trigo (2001) ainda existe muita resistência com relação "à compreensão de que a elevação da qualidade dos serviços turísticos, dos padrões de segurança, lucratividade e eficiência dependem, em boa parte, da formação profissional séria e continuada" (p. 172), e o guia de turismo é uma das profissões que mais sofre com essa resistência. Nesse contexto, torna-se significativo conhecer, na visão de alguns autores, a diferença entre educação e prática.

Para Frank Go (apud Trigo, 2001) a educação em turismo baseia-se no desenvolvimento intelectual da pessoa por meio, por exemplo, da literatura específica da área, da aprendizagem de línguas estrangeiras, das habilidades no uso de computadores, do conhecimento de outros países e culturas e sem direcionamento particular para trabalhos ou responsabilidades específicas. Em contraste, o treino é o processo de trazer a pessoa para um padrão desejado de habilidades e eficiência por meio de instruções.

Já para a Organização Mundial de Turismo (1999) a educação é entendida como um processo que dá ao indivíduo um conjunto de princípios e ferramentas para interpretação, avaliação e análise, a provisão de transferência de habilidades básicas tais como a habilidade analítica, a habilidade de comunicação escrita e verbal e a habilidade de liderança aplicadas em diferentes contextos. Por outro lado, a formação prática é vista por Cooper (2001) como "uma atividade muito mais específica que implica desenvolver habilidade práticas e procura munir o educando de habilidades definidas e claras" (p. 173).

Para Ansarah (2002) a educação e a prática estão "interligados e ambos são importantes e devem ocorrer paralelamente, pois complementam-se, a educação baseia-se no desenvolvimento intelectual do indivíduo e a prática é o desenvolvimento de habilidades e conhecimento prático" (p. 21). Para esta autora, a aprendizagem dá-se através de duas maneiras: educação formal, através das universidades, instituições não universitárias e escolas técnicas, profissionalizantes ou cursos de especialização e; educação informal, através do ambiente cultural do indivíduo, a prática, o aprimoramento e atuação profissional.

Depreende-se dessas visões que, enquanto a educação é um processo exercido por

agentes diversos (a família, a escola, a igreja, as associações), cobrindo toda a existência humana, a formação profissional e prática prepara o indivíduo para aprender novos hábitos, técnicas, conhecimentos e práticas para atender as demandas de sua profissão. Ambos os processos são necessários para a prática de qualquer atividade e atuam de forma complementar na educação do guia de turismo.

A educação, tanto formal quanto informal, leva ao desenvolvimento de habilidades cognitivas e instrumentais, necessárias para que o indivíduo se mantenha no mercado de trabalho e responda às novas demandas estruturais. O treino é necessário tanto para os iniciantes como para os que já atuam na profissão de guia. Para os primeiros, a ausência de treino básico inicial leva à improvisação dos serviços e à falta de conhecimento do produto. Para os últimos, a constante renovação e atualização dos conhecimentos do produto torna-se necessário devido ao grande dinamismo do setor e das atividades nele envolvidas.

Trigo (2001) refere que "Para avaliar os desafios dos novos tempos, Frank Go fez uma pesquisa com delegados, educadores e profissionais do turismo" (p. 164). Neste estudo, foi identificado que o ponto chave para uma economia forte e competitiva é o desenvolvimento apropriado da mão-de-obra através da educação e da prática. Já para Simões (2003) a "educação (...) identifica e preserva o património cultural, considerando o desenvolvimento sustentável" (p.1). Desta forma, o guia de turismo poderá ser considerado um grande agente local para orientar tanto a comunidade como os turistas a usar os recursos culturais e naturais de forma sustentável.

Nesse sentido, e de acordo com Trigo (2001) para que a educação e a formação profissional do guia sejam efetivos, dois fatores importantes devem ser analisados: primeiro, os formandos devem ter uma formação humanística sólida e conhecimentos técnicos específicos na área; segundo, o conteúdo da formação profissionalizante dos cursos deve ser voltado para o local turístico, ou seja, municipalizado e serem analisados periodicamente, dada a grande velocidade que as mudanças ocorrem no setor.

Segundo Beni (1992) dada a especificidade e a natureza dinâmica do turismo, os cursos voltados para esse setor devem ser diversificados para atender cada segmento. O guia de turismo não requer a mesma formação que outros profissionais do setor como os técnicos e os dirigentes da atividade hoteleira, pois cada uma tem a sua especificidade. Os currículos dos cursos voltados para essa profissão devem contemplar focos culturais e ambientais,

discutir políticas públicas e comportamentos éticos, no sentido, segundo Simões (2003) da “otimização dos recursos, a preservação do patrimônio cultural, utilização de equipamentos culturais, promoção de eventos e atividades e desenvolvimento sustentável” (p.5).

As autoridades locais, tais como a associação local de guias, instituições educacionais e outras, devem trabalhar em conjunto para discutirem o conteúdo e a carga horária, tanto dos cursos formais quanto dos cursos de formação profissional. A ausência de ações dessa natureza leva os profissionais a níveis baixos de profissionalismo e, como consequência, resulta a falta de reconhecimento e a imagem pobre da profissão. As agências de turismo, instituições que, na maioria das vezes, empregam os guias de turismo, visando a proporcionar o maior nível de conforto e de satisfação aos seus clientes, procuram contratar os melhores meios de hospedagem, transportes, serviços de alimentação e entretenimento. Porém, esquecem que um fator relevante nesse atendimento é o guia de turismo. Na maior parte das vezes, este profissional não é devidamente considerado pelas agências, que não se importam com sua formação profissional.

Quando um turista busca uma agência para a efetivação de uma viagem, ele não busca somente o atrativo, o hotel, o restaurante mas, também, quer ser bem atendido por profissionais competentes, para satisfazer as suas necessidades e expectativas. Assim, os guias de turismo além de deter as funções descritas nos ponto anterior como mostrar os lugares, concentrar-se nos clientes, desenvolver um serviço que responda aos desejos e demandas dos turistas de forma a garantir a satisfação dos visitantes devem, também, deter outras funções voltadas para sustentabilidade local, tais como facilitar a valorização da cultura, o respeito pela identidade e a proteção do meio ambiente. Neste sentido, a profissionalização da atividade de guia de turismo surge, não só como uma necessidade, mas como reflexo natural de um contexto mais global de mudanças nos desejos e demandas dos sujeitos envolvidos.

Apesar de toda a importância da educação e formação para o turismo, os cursos voltados para o setor, a nível mundial, apenas começam a ser implementados. O que constata Trigo (2001) é que, somente, nos últimos anos os governos reconheceram o valor do turismo para as suas economias e começam a investir na qualificação de recursos humanos e o incremento de produtividade e competitividade no setor.

## **2.7- Os guias de turismo em São Tomé e Príncipe**

Em São Tomé e Príncipe, a actividade de guias de turismo é peculiar, a classe está ainda em fase de estruturação. Segundo a Associação de Guias Turísticas de São Tomé e Príncipe (AGTSTP), existem cerca de três dezenas de guias de turismo em todo o país. Todos exercem a profissão de forma informal e não têm formação profissional e por isso ainda não são certificados pelo Ministério do Turismo, Comércio e Indústria. Para tentar inverter esta situação e por força do crescimento do turismo no país, nasceram duas Associações ligadas ao setor de Guias de Turismo, a saber, Associação Monte Pico (AMP), em 2006 e Associação dos Guias de Turismo de São Tomé e Príncipe (AGTSTP) em 2012.

AMP é uma organização não-governamental criada em Julho de 2006 e tem como objectivos proteger o ambiente de São Tomé e Príncipe, apoiar o desenvolvimento do ecoturismo e a promoção de práticas responsáveis de turismo no arquipélago, contribuir para uma boa gestão do Parque Natural Obô e das suas infraestruturas, e apoiar iniciativas de desenvolvimento sustentável no meio rural. Dispõe de cerca de dez membros - guias e ecoguardas que podem prestar serviços em vários domínios como turismo, ornitologia, botânica, percursos pedestres (Estatutos da AMP, 2006, Artigo 1º, p. 5).

AGTSTP é uma associação sem fins lucrativos e de caráter profissional criada em 2012. Dispõe de cerca de uma dezena e meia de associados e tem como objectivo a valorização e a promoção dos ideais dos guias de turismo de São Tomé e Príncipe, defender os interesses da classe, promover a formação, a investigação e desenvolver relações de cooperação e intercâmbio com outras instituições profissionais do setor do turismo e outras organizações nacionais e internacionais. A Associação dos Guias Turísticos de São Tomé e Príncipe tem por outro lado a missão de promover e contribuir para um turismo responsável e sustentável em São Tomé e Príncipe (Estatutos da AGTSTP, 2012, Artigo 1º, pp. 2-3).

Estas associações têm feito esforços para promover o turismo e valorizar a classe dos guias de turismo e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento do setor no arquipélago. Entretanto, muitos problemas ainda existem ligados nomeadamente à falta de meios para implementar os seus projetos. Segundo o Ministério do Turismo, Comércio e

Indústria, está em curso um amplo programa de regularização, formação e certificação dos guias turísticos de STP. Pois, cada vez mais o papel do guia de turismo se tem diferenciado e ultrapassado o estereótipo de informalidade e improvisado. Em STP esta realidade tarda a chegar apesar muitas vontades. O guia é de certo o autor do bom andamento, do conforto da segurança dos visitantes e um embaixador do seu país, por isso, é fundamental que este profissional seja competente e muito bem preparado. Hoje em dia não há mais espaços para amadores.



## **CAPÍTULO III - Metodologia**

Depois da revisão da literatura sobre os temas mais importantes que estão direta ou indiretamente relacionados com o tema em estudo, passa-se agora a uma análise da componente prática. O propósito deste capítulo é o de caracterizar a metodologia utilizada nesta investigação. Tal descrição visa, essencialmente, fornecer um enquadramento geral da estratégia de investigação e dos procedimentos a que se recorreu. De acordo com o problema e os objetivos definidos no capítulo II, foi feito o enquadramento teórico do estudo que serviu de suporte ao tema em investigação. A caracterização global dos protagonistas do estudo, apresentada também no Capítulo II e a metodologia a utilizar, com referência às técnicas de pesquisa que permitiram a recolha de dados que, depois de analisados, nos irão permitir obter respostas ao problema e aos objetivos anteriormente formulados, será apresentada neste Capítulo.

### **3.1- Natureza da investigação**

Uma metodologia qualitativa vai permitir compor um corpo interpretativo e metodológico que servirá de referência para melhorar as estratégias e práticas dos guias turísticos nas suas atividades, em prol de um desenvolvimento sustentável em São Tomé e Príncipe.

Para Nogueira (1996) os métodos qualitativos são hoje considerados “uma decisiva ajuda para um maior entendimento crítico das situações e fenómenos educativos, possibilitando posteriormente uma mais adequada e consciente intervenção” (p. 246). Os investigadores de cariz qualitativo procuram estudar cientificamente, não a realidade, mas as percepções que, quer eles, quer outros (os sujeitos da investigação) têm desta realidade.

Os estudos qualitativos abrangem todas as situações em que as preocupações do investigador se orientam para a busca de significados pessoais, para o estudo das interações entre as pessoas e contextos, assim como formas de pensar, atitudes e percepções dos participantes no processo de ensino e aprendizagem.

Conforme os fundamentos do Denzin & Lincoln (1994) ao invés da metodologia quantitativa preocupada na obtenção de medições sistemáticas e teste rigoroso de hipóteses,

a investigação qualitativa associa-se a métodos de observação naturalística, a estudos de caso, à etnografia, ou seja a métodos que conduzem à obtenção de dados de tipo narrativo e em que o objetivo da pesquisa é o de conseguir uma visão holística do fenómeno em estudo.

Esta investigação enquadra-se no paradigma metodológico qualitativo-interpretativo partindo de um estudo de caso.

Um estudo de caso é o estudo pormenorizado de uma situação bem definida, em cada caso, embora semelhante a outros, tem sempre carácter único, que forma uma unidade dentro de um sistema, residindo o interesse do estudo no que ele apresenta de singular. Pode não ser representativo de um universo determinado e o seu interesse pode não ser o da generalização, mas será o da investigação sistemática de uma situação específica (Mateus, 2008, p. 164).

Para Vieira (1999) “O objectivo de um estudo de caso, consiste em estudar de uma forma aprofundada um único caso” (p. 75). Esta estratégia consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico. Segundo Bogdan e Biklen (1994), o estudo de caso é um dos procedimentos mais utilizados pela maioria dos investigadores nos estudos e projetos de âmbito qualitativo.

Para este estudo optou-se pelo estudo de caso, não estudo de caso único, mas estudo de caso múltiplo, pois foram seleccionados dois grupos, o grupo AGTSTP e o grupo AMP, constituídos cada um por três elementos.

A metodologia a utilizar será de natureza qualitativa, tendo como técnica de recolha de dados entrevistas com guião, em que uma análise de conteúdo permitirá clarificar a questão e os objetivos deste estudo.

### **3.2- Instrumentos de recolha de dados – inquérito através da entrevista**

Nesta investigação foi privilegiada a técnica do inquérito através da entrevista como instrumento de recolha de dados, sendo realizadas duas entrevistas que obedeceram a uma estrutura com guião previamente elaborado, como se pode verificar nos anexo I, para a primeira Entrevista (E1) e no anexo II, para a segunda Entrevista (E2).

Labov & Fanshel, cit por Ketele & Roegiers (1993) define entrevista como “um *speech-event* no qual um entrevistador (pessoa A) extrai uma informação de um entrevistado (pessoa

B), informação que estava contida no conjunto das representações associadas aos acontecimentos vividos pelo entrevistado” (p.19). Trata-se então, na opinião dos autores anteriormente citados, de uma conversa face a face, de maneira metódica que proporciona ao entrevistador, verbalmente, a informação necessária. Tem como objetivos a averiguação de factos, a determinação de opiniões sobre os factos, a determinação de sentimentos, a descoberta de planos de ação, inferir condutas atuais ou do passado e descobrir motivos conscientes para opiniões, sentimentos, sistemas ou condutas. Pois a interação direta é uma questão chave da técnica da entrevista.

Para o referido autor, num estudo do tipo qualitativo-interpretativo, como é o caso, a entrevista é um instrumento determinante para avaliar a dimensão afetiva ou seja, as variáveis que não são passíveis de ser avaliadas pela observação.

Existem vários tipos de entrevistas e diferentes formas de classificá-las. Fideli & Marradi (1995) propõem uma tipologia baseada em dois critérios: a presença, ou não, de um contacto visual direto entre entrevistador e entrevistado e o grau de liberdade concedido aos atores em situação de entrevista, seja para perguntar, seja para responder. Os autores concluem que a menor estruturação se dá nas conversas espontâneas que surgem como complemento da observação de campo. No outro extremo, estão as entrevistas estruturadas dos inquéritos e sondagens, que aplicam de modo uniforme um questionário fechado que contém as perguntas a realizar, numa dada ordem, e todas, ou quase todas, as opções possíveis de resposta.

O tipo de entrevista utilizado neste estudo foi uma entrevista semidiretiva, individual, elaborada pelo autor do estudo, aplicada a cada um dos elementos selecionados de forma intencional, sendo E1 realizada em março de 2013 e E2 em agosto de 2013. O local escolhido foi a sede AMP, para os três guias turísticos que pertencem a essa associação e a sede da AGTSTP, no caso dos outros três guias turísticos.

E1 foi realizada no mesmo dia, com a duração de dez minutos cada uma e E2 também foi realizada no mesmo dia a todos os entrevistados e teve a duração de treze minutos cada uma.

A entrevista permitiu construir um leque de questões contextualizadas, importantes para a problemática em causa e tratar dos mesmos temas com os diferentes entrevistados. Teve ainda como objetivo facilitar o acto de entrevistar, uniformizar e

normalizar a informação recolhida. Contudo, pretendeu-se uma análise intensiva, ou seja, mais do que quantificar importou compreender, daí que as perguntas fossem abertas e de natureza qualitativa (Mateus, 2008, p. 176).

A elaboração do guião, previamente estruturado de forma a obter repostas para a questão e os objetivos formulados, obedeceu a alguns critérios e etapas, tendo em conta a seleção da amostra, o perfil dos indivíduos a entrevistar, a apresentação gráfica e finalmente a sua validação pela análise e crítica da orientadora do estudo que, em colaboração com o autor do estudo, determinaram as categorias e as subcategorias determinantes para a análise das respostas dadas pelos entrevistados.

O guião da E1 era constituído por quatro grupos que correspondem a 4 categorias. A categoria A é dedicada à legitimação e motivação da entrevista, a categoria B à formação académica e atividade profissional, a C à educação e práticas ambientais e a D ao papel dos guias turísticos na promoção do turismo ambiental sustentável.

O guião da E2 era constituído dois grupos a que correspondem 2 categorias. A categoria é, tal como na E1, dedicada à legitimação e motivação da entrevista e a categoria B à Educação e práticas ambientais.

A definição das categorias e subcategorias definidas em E1 e E2 foram verificadas por dois juízes, a orientadora deste trabalho e o presidente da AMP, que se pronunciaram sobre as mesmas, tendo sido necessário fazer algumas alterações para tornar mais compreensível e adequada a ligação à questão e aos objetivos do a que se propunham.

Para a realização das entrevistas foi solicitada autorização aos presidentes da AMP e da AGTSTP, tendo sido assinado um termo de consentimento (anexos III e IV), sendo informado do mesmo, no início da entrevista, cada um dos entrevistados.

As respetivas entrevistas foram gravadas e transcritas, no sentido de permitir uma análise mais objetiva.

A transcrição das respostas dadas por cada um dos entrevistados da E1, contém duas e três páginas, perfazendo um total de 7 páginas para o grupo da AGTSTP e de 6 páginas para o grupo da AMP.

A transcrição das respostas dadas por cada um dos entrevistados da E2, contém entre três páginas, perfazendo um total de 6 páginas para o grupo da AGTSTP e de 6 páginas igualmente para o grupo da AMP.

A transcrição da E1( anexo V) e da E2 (anexo VI) foi integral.

Procurou-se com o primeiro inquérito através da entrevista, por um lado, identificar que tipo de formação os guias turísticos de STP têm para o exercício da sua atividade profissional, enquanto elos de ligação entre o turista e o produto turístico local, no sentido de poderem contribuir para um turismo mais responsável e por outro lado, conhecer as práticas utilizadas pelos mesmos guias, em prol de um turismo ambiental sustentável.

Aquando da análise das respostas dos entrevistados verificou-se que os guias turísticos revelaram a necessidade de formação sobre práticas de EA, pelo que o autor do estudo ofereceu uma formação profissional direcionada para colmatar as necessidades referidas.

A ação de formação, constituída por vários módulos, foi uma opção pedagógica que de acordo com Bell, (1993), Cohen & Manion, (1995) e Elliott, (1990) corresponde a uma metodologia de intervenção que pretende resolver um problema real, específico e concreto envolvendo ações planificadas, que implicam observações, reflexões, e avaliações, conduzidas pelos agentes envolvidos, com o propósito de intervir para entender e/ou modificar as conceções alternativas dos sujeitos face a um problema em estudo.

Para a montagem e a organização da ação de formação dos guias turísticos, recorreu-se ao apoio do Ministério do Turismo, Comércio e Indústria (MTCI) que no quadro do seu plano estratégico, tinha em vista a realização de uma ação de formação para os guias turísticos são-tomenses, em agosto de 2013. O autor deste estudo fez parte da comissão de organização e realização da referida formação enquanto docente dos cursos de licenciatura em turismo e hotelaria, na Universidade de STP. Foi assim que o autor deste estudo incluiu os seis guias turísticos entrevistados, na referida formação.

A oportunidade de aproveitar e orientar a ação de formação, promovida pelo MTCI para este estudo, teve principalmente a ver com questões práticas e financeiras e enquanto membro da comissão de organização e realização da formação dos guias turísticos (CORFGT), o autor pode orientar a formação no sentido de dar resposta às lacunas existentes na formação dos guias turísticos são-tomenses.

Assim, no plano da ação de formação, os conteúdos programáticos tiveram como módulos de referência para os aspetos que se prendiam com este estudo, os módulos constantes na tabela 1. O objetivo era, pois, recolher dados que demonstrassem que os guias turísticos de STP, utizando práticas alicerçadas numa formação adequada que lhes iria

permitir, no exercício da sua atividade profissional, colmatar as lacunas sentidas, podendo, assim, promover o crescimento de uma consciência ambiental e um turismo responsável e sustentável.

Tabela 1. Plano da ação de formação para os guias turísticos (CORFG, 2013).

<b>Data:</b> 12 a 23 de agosto de 2013			
<b>Carga horária:</b> 16 horas laborais			
<b>Objetivo</b>	<b>Conteúdos programáticos</b>	<b>Metodologia</b>	<b>Recursos pedagógicos</b>
- Analisar as práticas utilizadas pelos guias turísticos de STP, no sentido de promoverem um turismo ambiental sustentável.	Módulo 1 - Aspetos históricos e culturais de STP	- Método expositivo e demonstrativo;	- Textos de apoio;
	Módulo 2 - Educação Ambiental em STP	- Saída de campo;	- Computador;
	Modulo 3 Conceitos de Turismo Sustentável	- Práticas simuladas.	- Retro-Projetor;
	Módulo 4 - Técnicas e práticas profissionais.		- Videos e Filmes.

Tratou-se de uma formação com cerca de 16 horas laborais, divididas em duas semanas com certificação do MTCI que disponibilizou todo apoio logístico e pedagógico. A estrutura baseou-se na operacionalidade, na experiência obtida e na prática simulada. A ação de formação, integrou uma componente historicocultural e técnicoprofissional. Ao longo da formação, duas saídas de campo à região Norte e à região Centro da ilha de São Tomé, permitiram dar resposta aos conteúdos programáticos da ação de formação. Os módulos de referência para este estudo correspondentes às 16 horas, foram lecionados pelo próprio investigador, cujos planos de aula se encontram nos anexos VII, VIII, VIX e X.

No sentido de integrar esta intervenção pedagógica nos dados recolhidos, e com o objetivo de verificar se foram colmatadas as lacunas de formação referidas pelos entrevistados, nas respostas dadas aquando da E1, optou-se pela elaboração e aplicação de

E2 (ver anexo II), aos mesmos guias turísticos, três da AMP e três da AGTSTP, que frequentaram a formação.

E2 obedeceu aos mesmos procedimentos da E1, anteriormente referenciados, e tinha como objetivo verificar se a formação ministrada e constante da tabela 1 respondeu às necessidades de formação que os seis guias turísticos tinham manifestado anteriormente.

### **3.3- Formulação do problema e dos objetivos**

A fim de poder fazer um estudo empírico sobre o tema em análise, Educação Ambiental para um Turismo Sustentável em São Tomé e Príncipe, várias são as interrogações que surgem, contudo torna-se relevante a formulação de um problema, que servirá de pressuposto a toda a investigação.

Assim: Poderão os guias turísticos de STP, utizando práticas alicerçadas numa formação que lhes permita, no exercício da sua atividade profissional, contribuir para um turismo responsável e sustentável?

Para dar resposta à questão anteriormente formulada foram definidos os seguintes objetivos:

- Identificar que tipo de formação os guias turísticos de STP têm para o exercício da sua atividade profissional, no sentido de poderem contribuir para um turismo sustentável;
- Conhecer as práticas utilizadas pelos guias turísticos de STP, no sentido de promoverem um turismo ambiental sustentável;
- Evidenciar a função dos guias de turismo, enquanto elos de ligação entre o turista e o produto turístico local, na promoção do crescimento da consciência ambiental e no desenvolvimento do turismo responsável.

Uma fundamentação do referencial literário ligado à problemática da relação entre a educação ambiental e o turismo sustentável através do conhecimento do ecoturismo e da conservação da natureza constituirá o esqueleto de suporte teórico que dará resposta à questão e aos objetivos definidos.

### **3.4- Caracterização do grupo de estudo**

De acordo com Hill e Hill (2002), quando se fala em investigação, está sempre subjacente a recolha de dados, ou seja, uma recolha de informações da população sobre as quais o investigador pretende desenvolver o seu estudo e retirar conclusões.

Na prossecução dos objetivos instituídos deste trabalho, optou-se pela seleção intencional de seis guias de turismo são-tomenses, que constituíram a amostra sobre a qual incidiu o estudo em causa, dos quais três pertencem à associação Monte Pico (AMP) e três à Associação dos Guias Turísticos de São Tomé e Príncipe (AGTSTP).

A escolha de guias de turismo para o grupo de estudo deve-se ao facto destes profissionais serem, antes de tudo, uma das figuras que melhor representa a imagem coletiva sobre o turismo. O guia está presente durante toda a estadia do visitante, tornando-se ele, então, o principal elo de ligação entre os visitantes e os demais fornecedores. Agentes ativos e colaborativos que atuam no terreno e em contacto direto com os turistas, são, por isso, os potenciais difusores de conhecimentos para que o turista seja considerado a peça fundamental na missão da preservação e conservação do meio ambiente do país.

Os guias de turismo ainda pertencem a uma classe mal estruturada em STP, não têm formação específica e ainda não são certificados pelo Ministério do Turismo, Comércio e Indústria. Para este estudo foram definidos apenas dois critérios para seleção dos seis guias: ser maior de idade e membro confirmado da AMP e da AGTSTP.

Quando se faz uma

(...) investigação é muito raro podermos estudar exaustivamente uma população, ou seja, inquirir todos os seus membros. Segundo estes mesmos autores, será até inútil, uma vez, que inquirindo um número restrito de pessoas, com a condição de que estas tenham sido corretamente escolhidas, podemos obter as mesmas informações, com uma certa margem de erro calculável (Matalon & Ghiglione, 1997, p. 29).

Daí que, como precisa Rosental e Frémontier-Murphy (2002), na investigação se recorra, com frequência, à técnica de amostragem para selecionar essa fração da população, a que se dá o nome de amostra, que no caso concreto é constituída por seis guias turísticos selecionados de acordo com os critérios anteriormente referidos.

A definição dos sujeitos para esta investigação não foi simples. A opção de entrevistar seis guias de turismo, cujo trabalho é realizado em associações diferentes, justifica-se, por um lado, pela necessidade de se ter a possibilidade de diferentes vozes e significados neste setor de actividade, por outro lado, a escolha de seis guias prendeu-se com razões de ordem prática ligadas à realidade local, pois o número reduzido de guias de turismo, com alguma instrução, existentes no país, é ainda reduzido. Recorreu-se, portanto, ao método de amostragem por conveniência, uma vez que de acordo com Cohen & Manion (1990) “escolhemos os indivíduos mais acessíveis para servirem de informantes (...)” (p. 138). Contudo, este tipo de amostragem é intencional, uma vez que, na base da seleção dos guias escolhidos para o estudo, estiveram critérios previamente estabelecidos, considerados por Burgess (1997) como a ocupação, a ligação a uma associação profissional e o nível de instrução.

Os objetivos ambientais da AMP, aliados à importância estratégica da AGTSTP na formação dos guias e, conseqüentemente, ao desenvolvimento do turismo em STP, determinaram a seleção das referidas associações e os seus respetivos membros, caracterizados a seguir, para a base do estudo.

Foi atribuído a cada participante no estudo um código, de forma a preservar a sua identidade e que era constituído pelas letras GAMP1, GAMP2, GAMP3 (G de Guia e AMP a associação a que pertenciam seguida dos dígitos 1, 2 e 3, dado serem três entrevistados) e pelas letras GAGTSTP1, GAGTSTP2 e GAGTSTP3 (G de Guia e AGTSTP a associação a que pertenciam seguida dos dígitos 1, 2 e 3, dado serem três entrevistados), como se pode verificar nas tabelas 2 e 3, a seguir apresentadas.

Os guias de turismo selecionados em cada uma das associações, apresentam, sensivelmente a mesma média de idades, 33 anos, um nível de instrução reduzido, embora inferior na AMP e alguma experiência profissional acumulada na atividade de guia de turismo, evidenciando-se um maior número de anos de prática profissional na AMP.

Como é visível nas tabelas 2 e 3 os guias não exercem a atividade de guia de forma exclusiva, têm a necessidade de acumular essa função com a profissão de professor, agricultor, comerciante ou de motorista para garantirem um salário mínimo no final do mês.

De referir que todos os guias da AMP acumulam a função de guia com a prática da agricultura e nenhum guia da AGTSTP exerce essa atividade.

A atividade de guia é ainda exercida de forma informal e bastante pontual e nem sempre garante o sustento para os guias que são pais de família. Os guias da AMP estão muito ligados às atividades do Parque Natural Obô e têm bastante conhecimentos e experiência sobre a biodiversidade do país.

Tabela 2. Guias de turismo da Associação Monte Pico (AMP, 2012).

<b>Guias</b>	<b>Idade (anos)</b>	<b>Nível de instrução</b>	<b>Profissão</b>	<b>Experiência profissional</b>
GAMP1	30	9ª Classe	Guia turístico e agricultor	Mais de 7 anos
GAMP2	39	8ª Classe	Guia turístico e agricultor	Mais de 8 anos
GAMP3	40	6ª Classe	Guia turístico e agricultor	Mais de 10 anos

Tabela 3. Guias de turismo da Associação dos Guias Turísticos de São Tomé e Príncipe (AGTSTP, 2013).

<b>Guias</b>	<b>Idade (anos)</b>	<b>Nível de instrução</b>	<b>Profissão</b>	<b>Experiência profissional</b>
GAGTSTP1	32	12ª Classe	Guia turístico e professor	6 anos
GAGTSTP2	38	11ª Classe	Guia turístico e motorista	4 anos
GAGTSTP3	30	9ª Classe	Guia turístico e comercial	3 anos

### **3.5- Tratamento da informação**

Para a análise dos dados qualitativos recolhidos através da E1 e da E2 foi utilizada a análise de conteúdo.

Esta técnica é considerada por Vala (1993) como sendo hoje uma das técnicas mais comuns na investigação empírica realizada pelas diferentes ciências sociais. Permite fazer uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tendo como objetivo a sua interpretação. É, portanto, uma técnica que, de forma metódica, de acordo com Quivy & Campenhoudt (2003) possibilita o tratamento de dados baseados no testemunho dos entrevistados quer de uma forma organizada quer com um certo grau de profundidade e complexidade.

Para tal, usam-se segundo Bardin (1995) “procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens” que permitem a “inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das mensagens” (pp. 38 – 42).

Para Silva e Pinto (2009) a análise de conteúdo é “uma técnica de investigação que permite a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifestado na comunicação (p. 103). Mas

A prática da análise de conteúdo, considerada tão somente como um método, é, antes de mais, uma prática social. Ela encontrará as suas justificações numa predictibilidade empírica relativamente a um objetivo e procurará validações extrínsecas à sua própria prática (Ghiglione e Matalon, 1993, pp. 198-199).

De acordo com Vala (1986) e Carmo & Ferreira (1998) a análise de conteúdo aplica-se a discursos diversificados e adota uma enorme variedade de formas em função do material que se analisa e da finalidade do investigador. O aspeto comum a todas essas formas baseia-se na inferência. Os mesmos autores referem ainda que a inferência 2 é um processo intermédio que possibilita a ligação entre as duas fases da análise de conteúdo: a descritiva, em que se enumeram as características do texto e a interpretativa que trata os significados atribuídos a essas características.

No caso deste estudo, os dados obtidos a partir das E1 e E2, foram analisados sob o ponto de vista qualitativo. Seguindo a metodologia proposta por Bardin (1995) foi feita uma primeira leitura de todas as respostas obtidas, extraindo-se de cada uma das unidades de significado, posteriormente agrupadas em analogias de sentido, criando-se deste modo categorias. Isto porque a categorização é a forma mais representativa e comum de redução dos dados qualitativos. Trata-se de um momento de identificação e classificação ou agrupamento do material informativo, nomeadamente escrito, recolhido segundo uma análise com base em critérios de significância temática, que introduz uma ordem na aparente desordem das respostas apresentadas pelos entrevistados.

Deste modo, a categorização permitiu-nos, partindo de um conjunto vasto e complexo de informação, proceder à sua redução e simplificação, para chegarmos a elementos ou unidades de conteúdo relevantes e significativas, e por isso, mais manejáveis, que simplificam toda a análise posterior. Neste âmbito, a criação de categorias baseou-se na necessidade de, partindo de toda a informação recolhida, se definirem unidades de conteúdo, sobre as quais se pretendeu conhecer as conceções fundamentais para a construção de saberes, relativamente às práticas de EA, a influência da intervenção pedagógica na mudança de atitudes e conhecimentos e a aquisição de novos conceitos, que contribuam,

consequentemente, para a conservação do ambiente, bem como, simplificar a análise e tratamento dessa mesma informação.

A definição das categorias e subcategorias definidas em E1 e E2 foram verificadas por dois juízes, a orientadora deste trabalho e o presidente da AMP, que se pronunciaram sobre as mesmas, tendo sido necessário fazer algumas alterações para tornar mais compreensível e adequada a ligação à questão e aos objetivos do a que se propunham.

Para o guião da E1, aplicada a três guias da AGTSTP, com os códigos A1, B1 e C1 (uma letra para cada guia seguida do dígito referente a E1) e a três guias da AMP, com os códigos D1, E1 e F1 (uma letra para cada guia seguida do dígito referente a E2), foram definidas as seguintes categorias e subcategorias:

**A. Legitimação e motivação da entrevista**

A1. confidencialidade e questões éticas.

**B. Formação académica e atividade profissional**

B1. Atividade profissional;

B2. Tempo de trabalho como guia turístico;

B3. Formação para o exercício de atividade como guia turístico.

**C. Educação e práticas ambientais**

C1. Relação da formação dos guias turísticos com a EA;

C2. Práticas utilizadas, no terreno, pelos guias turísticos de STP.

**D. Papel dos guias turísticos na promoção do turismo ambiental sustentável**

D1. Função dos guias turísticos de STP.

Para o guião da E2, aplicada, depois da formação, aos três guias da AGTSTP, com os códigos A2, B2 e C2 (uma letra para cada guia seguida do dígito referente a E2) e aos três guias da AMP, com os códigos D2, E2 e F2 (a mesma letra para cada guia seguida do dígito referente a E2), foram definidas as seguintes categorias e subcategorias:

**A. Legitimação e motivação da entrevista**

A1. confidencialidade e questões éticas

**B. Educação e práticas ambientais**

B1. Aspectos históricos e culturais de STP;

B2. Conceitos de educação ambiental e turismo sustentável;

B3. Técnicas e práticas profissionais.

## **CAPÍTULO IV - Apresentação e análise dos dados**

Através dos dados obtidos pelas respostas dos entrevistados e de acordo com o enquadramento teórico que fundamenta este estudo, apresentar-se-á a análise dos dados recolhidos que terão por base as categorias B, C, D e as subcategorias B1, B2, B3, C1, C2 e D1, para o caso da E1 e a categoria B e as subcategorias B1, B2 e B3, para o caso da E2.

Os dados recolhidos através da E2, após uma formação direcionada para as necessidades de formação que os guias turísticos entrevistados manifestaram aquando da E1, permitirão cruzar informação e contribuir para uma clarificação do problema deste estudo.

Assim, de seguida, e com base nas narrações dos participantes, far-se-á uma análise de cada uma das categorias e das respetivas subcategorias, relativas à E1 e E2.

### **4.1- Apresentação e análise dos dados referentes a E1**

As respostas dadas por GAGTSTP1, GAGTSTP2 e GAGTSTP3 e por GAMP1, GAMP2, GAMP3, aquando da E1 serão apresentados por cada uma das categorias e respetivas subcategorias. Assim:

#### **B. Formação académica e atividade profissional**

##### **B1. Atividade profissional**

Quanto a atividade profissional, todos os guias entrevistados acumulam a função de guia turístico com uma outra profissão, a de agricultor, motorista, professor ou comercial.

- *Guia Turístico e professor.* (GAGTSTP1);
- *Guia Turístico e motorista.* (GAGTSTP2);
- *Guia turístico e comercial numa rent-a-car.* (GAGTSTP3).

As respostas dadas pelos Guias da Associação Monte Pico revelam ainda que todos acumulam a função de guia com a prática da agricultura e nenhum Guia da Associação dos Guias Turísticos de São Tomé e Príncipe exerce essa atividade.

- *Guia Turístico e agricultor.* (GAMP1); (GAMP2); (GAMP3).

##### **B2. Tempo de trabalho como guia turístico**

Relativamente ao tempo de trabalho como guia turístico, os três Guias da Associação dos Guias Turísticos da São Tomé e Príncipe exercem a atividade de guia, em média, três a quatro dias por semana.

- *Cerca de três saídas por semana.*(GAGTSTP1);
- *Três a quatro dias por semana.* (GAGTSTP2);
- *Quatro dias por semana.* (GAGTSTP3).

Os três Guias da Associação Monte Pico praticam a atividade de forma pontual, sempre que são contactados para o efeito.

- *Sempre que eu for chamado a exercer...*(GAMP1);
- *Quando houver clientes* (GAMP2);
- *Sempre que eu for contactado pelos clientes...* (GAMP3).

De acordo com estes dados, conclui-se que a atividade de guia em STP é exercida ainda de forma informal e bastante irregular.

### **B3. Formação para o exercício de atividade como guia turístico**

Quanto à formação para o exercício de actividade como guia turístico, as respostas revelam que a maioria dos guias não têm uma formação profissional específica, continuada e adequada para o exercício de actividade.

- *Não tenho formação propriamente dita, tenho alguma experiência profissional* (GAGTSTP2);
- *Não tenho formação, participo em alguns ateliês da Associação Monte Pico e do Parque Obô.* (GAMP3).
- *Só tenho alguma prática e experiência profissional.*(GAMP1);
- *Tenho apenas experiência profissional.* (GAGTSTP3)

Apenas um entrevistado tem pequenas formações em botânica, ornitologia e algumas técnicas de guiar os visitantes do jardim botânico e do Parque Obô.

- *Tenho pequenas formações dadas pelas várias instituições como Monte Pico e Parque Obô ligadas aos trabalhos de guia no Parque Obô.*(GAMP2).

Considerando a importância do guia turístico para o desenvolvimento do turismo e para a promoção do destino turístico e segundo as palavras Valle (2004), não se compreende a atuação de pessoas como sendo guias turísticos sem a devida formação profissional, visto

que a atividade turística se profissionalizou. Hoje em dia, são exigidos aos guias de turismo, formação humanística sólida e conhecimentos técnicos específicos na área.

### **C. Educação e práticas ambientais**

#### **C1. Relação da formação dos guias turísticos com a EA**

Quanto à relação da formação dos guias turísticos com a EA, apenas dois entrevistados afirmam terem tido noções de EA durante as suas atividades profissionais.

- *Sim, tive uma noção, eu trabalho numa agência de viagem e turismo e participamos pontualmente em seminários sobre meio ambiente.(GAGTSTP1);*
- *Sim algumas ideias. EA para mim é manter os lugares limpos como o Parque Nacional Obô e jardim botânico.(GAMP2)*

Quatro entrevistados disseram não terem tido qualquer referência sobre a EA durante as suas experiências de trabalho como guia.

- *Não, às vezes tento explicar algo sobre meio-ambiente quando os clientes perguntam mas as minhas visitas se concentram-se mais na cidade e na zona norte e não no Parque Obô. (GAGTSTP3);*
- *Não. Falamos de botânica, algumas informações sobre a importância da proteção e conservação da natureza.(GAMP3).*

A falta de conhecimentos e da prática de EA por parte dos guias pode ser considerada uma insuficiência tendo em conta a função que estes profissionais devem desempenhar no contexto de desenvolvimento de um turismo mais amigo do ambiente. Por outro lado, o guia deve ser um agente capaz de multiplicar o turismo, orientar os turistas, enriquecer a cultura destes, bem como cuidar do património natural, histórico e cultural, justamente por ter uma formação pautada na sustentabilidade e na ética.

#### **C2. Práticas utilizadas, no terreno, pelos guias turísticos de STP**

Nos depoimentos dos guias turísticos entrevistados, constata-se que apenas um deles declara trabalhar na prática sem o envolvimento pessoal com questões ligadas ao ambiente.

- *Como tinha dito anteriormente, quase não abordo este assunto nas minhas visitas, mas vou passar a falar desse assunto.(GAGTSTP3).*

Entretanto, este mesmo profissional disse conduzir os seus clientes a especialistas para abordar os temas que exigem conhecimentos mais precisos ligados ao meioambiente. Por exemplo, visita a Jardim Botânico de Bom Sucesso é feito por especialistas.

- *Procuro mostrar o melhor que o país pode oferecer, quando os meus clientes pedem para visitar o jardim botânico ou o parque natural obô, deixo-os com os guias especializados para falar da preservação da natureza. (GAGTSTP3).*

Todos os outros entrevistados dizem falar de questões ambientais nas suas abordagens com os turistas.

- *Explico que não pode haver turismo se não protegemos a natureza. Insisto na proteção e preservação do meio ambiente. (GAGTSTP1).*
- *Dependendo do tipo de visita, aproveito para explicar as implicações ambientais e falar da necessidade de proteger natureza. (GAGTSTP2).*

Este envolvimento dos guias com questões ambientais nas suas atividades é muito mais evidente nos Guias da Associação Monte Pico pela vocação da própria associação.

- *Claro a maior parte das nossas visitas acontecem no parque Obô e no parque há regras a cumprir. Também faço parte da uma Associação Monte Pico onde se abordam essas questões de proteção das plantas, eliminação das plantas invasoras e aprendemos também a controlar as pessoas que vão visitar o parque natural, no sentido de não deitarem lixo no parque, não retirar as plantas etc... São umas normas com as quais temos que ter cuidado. (GAMP1).*

Tendo em conta a ligação dos guias da Associação Monte Pico com o parque natural Obô, estes profissionais parecem ter a vocação para a sensibilização dos turistas para os problemas ambientais existentes em STP e a necessidade da preservação dos recursos naturais existentes e ameaçados.

- *Eu normalmente nas minhas atividades, faço muita sensibilização aos turistas sobre a proteção do meio ambiente. E os roteiros são selecionados de modo a pensar na sensibilização ligadas ao trabalho do Parque, insistindo no facto de que sem ambiente não haverá turismo. (GAMP2).*

O Parque Natural Obô é um dos produtos turísticos mais utilizado pelos guias são-tomenses.

- *Com certeza, nós temos a obrigação de mostrar o Parque Natural Obô e falar do projeto de conservação da biodiversidade e os recursos naturais endémicos existentes no Parque. (GAMP3).*

Apesar desta vontade dos guias no envolvimento com questões ambientais ligada à própria característica do produto turístico local onde natureza é o denominador comum, os guias sentem dificuldades na transmissão dos seus conhecimentos de forma científica e mais profissional e reclamam por mais preparação. De facto estes profissionais estão envolvidos num contexto em que não é possível ignorar as questões ambientais, mas falta-lhes o conhecimento suficiente, falta-lhes a prática na transmissão destes conhecimentos.

- *As vezes, é-me difícil explicar algo pontual muito específico...* (GAGTSTP2);
- *Falta de mais preparação, mais informação ou formação profissional essencialmente* (GAGTSTP2).

Mesmo para o caso dos guias da Associação Monte Pico que estão mais ligados às atividades na natureza, as dificuldades em concretizar as práticas ambientais nas suas atividades são evidentes devido nomeadaente, à falta de formação direcionada e continuada.

- *Sinto muita dificuldades em concretizar, no terreno, essa prática.* (GAMP1);
- *Falta de mais formação teórica e em matéria de meio ambiente, guia de turismo e língua estrangeira.* (GAMP1).

#### **D. Papel dos guias turísticos na promoção do turismo ambiental sustentável**

##### **D1. Função dos guias turísticos de STP**

Todos os guias entrevistados revelaram conhecimentos ajustados sobre função dos guias turísticos na promoção do país e de um turismo sustentável.

- *Sim claro, os guias são aqueles que dão a cara e que levam os visitantes ao contacto dos produtos turístico.*(GAGTSTP1).
- *Sim, o guia pode mesmo apoiar o governo na promoção do país. O guia é uma peça determinante no desenvolvimento do turismo em STP.* (GAMP2).

Por outro lado, todos os entrevistados têm a consciência do impacto positivo que o seu trabalho tem nos visitantes/ turistas.

- *Bastante positivo, muitos clientes meus voltam para São Tomé porque ficam com boa impressão.* (GAGTSTP1);
- *Os turistas ficam muito satisfeitos com o nosso trabalho de guia e ajudam-nos a proteger e preservar o nosso ambiente. Nenhum turista sai de São Tomé com as plantas endémicas.* (GAMP1);

*- Os turistas manifestam o gosto pelo país e colaboram, cumprindo as regras e as boas práticas ensinadas, não levam plantas nem animais, tenho recebido muitos elogios sobre o meu trabalho. (GAMP2).*

## **4.2- Apresentação e análise dos dados referentes a E2**

As respostas dadas por GAGTSTP1, GAGTSTP2 e GAGTSTP3 e por, GAMP1, GAMP2, GAMP3 aquando da E2 serão apresentados por cada uma das categorias e respetivas subcategorias. Assim:

### **B. Educação e práticas ambientais**

#### **B1. Aspetos históricos e culturais de STP**

Para todos os guias entrevistados, o enquadramento histórico bem como a valorização da cultura viva, onde se integra a língua e outras manifestações são uma mais-valia para a promoção de um turismo ambiental sustentável em STP.

*- A história e acultura de STP não são um entrave, mas sim uma mais-valia para a promoção de um turismo ambiental sustentável no nosso país. A história e cultura atraem os turistas a visitar o país, pois estes atrativos constituem produtos turísticos por excelência de um destino turístico, quanto mais conhecimento os turistas tiverem da história e cultura de um povo, melhor ele poderá contribuir para a sua proteção e preservação, esse turismo passará a ser mais sustentável (GAGTSTP1).*

Os depoimentos dos guias revelam também que os aspetos históricos e culturais, a herança identitária, os patrimónios e as tradições devem ser enaltecidos, promovidos e protegidos para poderem constituir um atributo válido na promoção do turismo local.

*- Temos que valorizar a nossa cultura e ela está ligada às raízes históricas de São Tomé e Príncipe. Tradições, costumes, danças, músicas, folclore, artesanato, gastronomia são atrativos que é preciso promover para um melhorar a lista do produto turístico e desenvolver o turismo local (GAMP3).*

#### **B2. Conceitos de educação ambiental e turismo sustentável**

Para a maioria dos entrevistados, a aquisição dos conceitos de Educação Ambiental e de turismo sustentável permitiu melhorar a sua prática profissional e o seu desempenho.

- *Antes da formação, eu tinha uma vaga ideia sobre o que é a Educação Ambiental, agora já tenho uma noção mais clara sobre o que é a Educação Ambiental, mas sobretudo a formação permitiu uma mudança de comportamento para com o ambiente, passo a ter mais consciência dos problemas ambientais, participarei de forma mais efetiva na sua solução e preservação (GAGTSTP1);*
- *Os conceitos de Educação Ambiental que aprendi na formação têm contribuído bastante para o meu melhor desempenho, agora já posso falar com mais segurança dos ecossistemas florestais de São Tomé com os turistas, falo da importância da conservação da natureza para São Tomé e Príncipe, aconselhar melhor os turistas sobre a sua contribuição para um turismo amigo do ambiente (GAGTSTP3).*

Relativamente aos GAMP, que já dispunham de alguma noção sobre a EA, a aquisição desses conhecimentos na ação de formação permitiu atualizá-los, reforçá-los e melhorá-los.

- *Eu já tinha algum conhecimento sobre a Educação Ambiental e tenho trocado experiências com clientes também especialistas na matéria mas depois desta formação senti-me mais refrescado, aprendi que a Educação Ambiental deve conduzir o cidadão a uma participação consciente na proteção do meio ambiente, é o que eu tenho procurado fazer (GAMP1).*

### **B3. Técnicas e práticas profissionais**

De acordo com os guias entrevistados, os conhecimentos adquiridos facilitaram uma melhoria profissional que tenha presente as questões ambientais.

- *Claramente, agora sou capaz de falar de questões ambientais com algum conhecimento. (GAGTSTP1).*

Os profissionais passaram a ser mais conhecidos pelos serviços públicos e tornaram-se mais pro-ativos.

- *Sim, inclusive eu tenho sido chamado para animar algumas palestras e pequenas formações no quadro dos trabalhos do Parque Natural Obô. (GAMP1).*

Por outro lado, para a maioria dos entrevistados, a formação melhorou a sua visão sobre o que é a sua função, enquanto elo de ligação entre o turista e o produto turístico local.

- *Sim a formação veio consolidar a ideia que já tinha da importância dos guias turísticos na promoção de um destino turístico, dos seus atrativos e do desenvolvimento do turismo de uma forma geral. O guia tem um papel*

*preponderante nesse processo e por isso, ele deve ser muito bem preparado, lembro-me que o meu professor dizia que não pode haver amadores nesta profissão. (GAGTSTP1).*

Apenas um entrevistado acha que a formação só confirmou a visão de que já dispunha sobre a importância dos guias na promoção do turismo ambiental sustentável.

*- Não, já tinha a certeza da importância dos guias por isso a escolha desta profissão além de motorista. Esta formação veio confirmar a minha convicção, sem os guias a beleza do país não será conhecida. (GAGTSTP2).*

A consciência ambiental dos guias melhorou substancialmente com esta ação de formação segundo os seus depoimentos. Inclusive, os guias sentem-se mais sensibilizados a contribuir para a solução dos problemas ambientais em STP.

*- Sem dúvida, esta formação despertou mais ainda a minha consciência para os problemas ambientais em STP e estou mais sensibilizado ainda para contribuir para a sua solução no meu setor de atividade, promovendo cada vez mais um turismo ambiental sustentável no meu país. (GAGTSTP1)*

Após a formação os profissionais percebem melhor os problemas ambientais que assolam STP e o mundo. Tmaram consciência da poluição, do abate descontrolado de árvores, da captura abusiva e descontrolada de animais entre outros.

*- Sem dúvida, a formação veio reforçar a minha consciência ambiental, agora compreendo melhor a importância de todos contribuirmos para protegermos a nossa ilha da poluição, de abate descontrolado de árvores, captura abusiva e descontrolada de animais etc., agora acho que tenho muito mais respeito pelo ambiente que antes. (GAGTSTP3)*

Todos os entrevistados e nomeadamente os GAMP, passaram a estar mais cientes da responsabilidade que passam a ter na mudança do comportamento dos turistas e dos são-tomenses em prol de um turismo responsável e sustentável.

*- Afirmativo. Como sabe eu sou um ambientalista porque trabalho no Parque Obô e cada vez que participo nestas formações sinto que devo contribuir mais ainda para a mudança de comportamento de todos para um maior respeito pelo ambiente. (GAMP1).*

Por outro lado, os guias afirmaram que se sentem mais preparados para, no exercício da sua atividade profissional, contribuírem para o desenvolvimento da cidadania.

- *Sim, com certeza estou mais consciente dos problemas ambientais, estou mais preparado para atuar sempre com ações de respeito pelo ambiente, sensibilizando os turistas, colaborando com o Parque Obô, agências de turismo ou outras instituições em prol do desenvolvimento da cidadania (GAMP3).*

### **4.3 Discussão dos resultados**

Neste ponto, serão discutidos os resultados com base na análise dos dados obtidos e fundamentados com as referências do enquadramento teórico.

Poderão os guias turísticos de STP, utilizando práticas alicerçadas numa formação que lhes permita, no exercício da sua atividade profissional, contribuir para um turismo responsável e sustentável? Para dar resposta à questão foram definidos os seguintes objetivos: (i) identificar que tipo de formação os guias turísticos de STP têm para o exercício da sua atividade profissional, (ii) conhecer as práticas utilizadas pelos guias turísticos de STP, no sentido de promoverem um turismo ambiental sustentável; e (iii) evidenciar a função dos guias de turismo, enquanto elos de ligação entre o turista e o produto turístico local, na promoção do crescimento da consciência ambiental e no desenvolvimento do turismo responsável.

No que respeita à formação académica e as práticas ambientais dos guias turísticos, constatou-se que a maioria (5 dos 7 guias) não têm formação teórica adequada para o exercício da atividade profissional. Entretanto, na prática apenas um deles trabalha no terreno sem qualquer referência sobre as questões ambientais. Os seis outros guias entrevistados são confrontados com a necessidade de comentar questões ambientais no terreno durante suas atividades profissionais. Este facto parece estar ligado às características próprias do produto turístico são-tomense, um arquipélago cheio de potencialidades ao nível dos ecossistemas terrestres e aquáticos distribuídos pelos 1001 km<sup>2</sup> de superfície. Os problemas ambientais ligados à degradação dos referidos ecossistemas salta à vista de todos os visitantes.

Por outro lado, os depoimentos da maioria dos entrevistados revelam grandes dificuldades na transmissão dos conhecimentos precisos sobre as práticas da Educação

Ambiental embora a maioria revele conhecimentos consequentes sobre a função dos guias turísticos na promoção do país e do turismo ambiental sustentável. Todos afirmam pois, terem a noção do impacto positivo do seu trabalho nos visitantes / turistas.

Está generalizada a necessidade de formação sobre práticas de EA, por parte dos guias turísticos, o que levou o investigador a organizar e realizar uma formação direcionada para colmatar as lacunas referidas.

Peres (2009) destaca o guia como mediador, entre os locais e visitantes, daí a sua importância. E, segundo Valle (2004) o guia turístico é um dos principais atores na linha de frente dos serviços turísticos, pois, através do seu conhecimento e interpretação das atrações dos destinos, das suas habilidades de comunicação e prestação de serviço, acaba por divulgar a realidade local mostrando os recursos históricos, artísticos, culturais e ambientais em todas as suas dimensões, bem como orienta o turista a desfrutar adequadamente dos mesmos.

De acordo com Chimenti & Tavares (2007) é importante reconhecer a importância do guia na promoção do produto turístico, tendo em vista que, esse profissional é um agente capaz de multiplicar o turismo, orientar os turistas, enriquecer a cultura destes, bem como cuidar do património natural, histórico e cultural, justamente por ter uma formação pautada na sustentabilidade e na ética.

Para Frank Go (apud Trigo, 2001) a educação em turismo baseia-se no desenvolvimento intelectual da pessoa por meio, por exemplo, da literatura específica da área, da aprendizagem de línguas estrangeiras, das habilidades no uso de computadores, do conhecimento de outros países e culturas e sem direcionamento particular para trabalhos ou responsabilidades específicas. Em contraste, o treinamento é o processo de trazer a pessoa para um padrão desejado de habilidades e eficiência por meio de instruções.

Na sequência da formação dos guias, todos os formandos demonstraram um melhor nível de educação e práticas ambientais. Pois passaram a perceber que atualmente, a prática turística se fundamenta na valorização da aprendizagem e no aprofundamento do conhecimento sobre os locais visitados, a história, os traços culturais das populações autóctones, as paisagens, a biodiversidade, entre outros aspetos. Neste sentido, a disponibilidade de informação representa uma condição importante para o turista que procura preparar os seus tempos de férias de forma a rentabilizar a estadia desenvolvendo atividades adequadas ao destino escolhido e enquadradas pelos meios que irá encontrar.

Para a maioria dos entrevistados, a aquisição dos conceitos de Educação Ambiental e de turismo sustentável permitiu melhorar a sua prática profissional e o seu desempenho. Mesmo para os que já dispunham de alguma noção sobre a EA, a aquisição desses conhecimentos na ação de formação permitiu atualizá-los, reforçá-los e melhorá-los.

Quando um turista busca uma agência para a efetivação de uma viagem, ele não busca somente o atrativo, o hotel, o restaurante mas, também, quer ser bem atendido por profissionais competentes, para satisfazer as suas necessidades e expectativas. Assim, os guias de turismo além de terem as funções como mostrar os lugares, concentrar-se nos clientes, desenvolver um serviço que responda aos desejos e demandas dos turistas de forma a garantir a satisfação dos visitantes devem, também, deter outras funções voltadas para a sustentabilidade local, tais como facilitar a valorização da cultura, o respeito pela identidade e a proteção do meio ambiente.

Neste sentido, a profissionalização da atividade de guia de turismo surge, não só como uma necessidade, mas como reflexo natural de um contexto mais global de mudanças nos desejos e demandas dos sujeitos envolvidos.



## **CAPÍTULO V - Considerações finais**

Esta investigação que tem como suporte a relação entre a EA e o turismo ambiental sustentável foi animada pela vontade de explicar se poderão os guias turísticos de STP, utilizando práticas alicerçadas numa formação que lhes permita, no exercício da sua atividade profissional, contribuir para um turismo responsável e sustentável.

Tendo como base, a análise dos dados obtidos através de duas entrevistas aplicadas aos guias turísticos e ao cruzamento dos mesmos foi possível concluir que a falta de formação profissional adequada dos guias turísticos de STP é uma realidade que afeta grandemente as práticas utilizadas por estes profissionais no sentido de promoverem um turismo ambiental responsável e sustentável.

Por outro lado, a interpretação dos dados recolhidos demonstram que a aquisição de conceitos de Educação Ambiental e de turismo sustentável, numa ação de formação promovida durante o estudo, permitiu melhorar a prática profissional dos guias e facilitar uma melhoria profissional que tenha presente as questões ambientais. A formação direcionada alterou a visão dos guias turísticos sobre o que é a sua função, enquanto elo de ligação entre o turista e o produto turístico local e permitiu-lhes ganhar mais consciência ambiental.

Não se tem a certeza de que os resultados alcançados com este estudo possam ser generalizados tendo em conta que se trata de um estudo de caso, através de uma amostra de conveniência embora tenha sido o estudo de caso múltiplo, pois foram selecionados dois grupos, o grupo AGTSTP e o grupo AMP, constituídos cada um por três elementos. Outra restrição pode estar relacionada com a subjetividade ligada à interpretação dos dados qualitativos. Mas procurou-se com a investigação sistemática deste caso específico dos guias turísticos, mostrar, de forma clara, que os objetivos definidos para responder à questão que serviu de base a toda a investigação fossem conseguidos.

Uma das maiores dificuldades deste trabalho residiu na seleção intencional e na realização da formação dos seis guias turísticos são-tomenses que constituíram a amostra sobre a qual incidiu o estudo em causa. Questões de ordem prática constituíram obstáculos que se foram ultrapassando com o recurso a outros parceiros como é o caso do Ministério do Turismo, Comércio e Indústria.

O autor pretendeu, com a escolha desta amostra, conhecer melhor e dar a conhecer uma realidade que lhe é especial, o setor do turismo, e contribuir para o desenvolvimento do mesmo, dando voz à classe profissional dos guias turísticos, uma das figuras que melhor representa a imagem coletiva do setor. Porquanto o desenvolvimento do turismo sustentável é um dos passos indispensáveis rumo ao desenvolvimento sustentável deste arquipélago plantado no Golfo da Guiné. Em São Tomé e Príncipe a degradação ambiental é uma preocupação das autoridades. Esta investigação é um contributo para a introdução da EA no setor do turismo como forma de melhorar as práticas dos profissionais do setor, chamar a atenção das pessoas e das autoridades competentes para a promoção do desenvolvimento económico de que o país tanto precisa, preservando incessantemente a riqueza ambiental.

Pretende-se pois com a EA, a formação e desenvolvimento de pessoas conscientes do seu papel e da sua relação com o meio ambiente, de modo a primarem pela sustentabilidade, através do uso racional dos recursos naturais, para que tanto esta quanto as futuras gerações possam também deles usufruir. Além de toda a capacidade que é exigido a um guia profissional, vasta cultura geral, boa apresentação e apuro pessoal, sugere-se que seja obrigatória a introdução de conceitos de Educação Ambiental e Turismo Sustentável na sua formação e no seu perfil profissional.

Trata-se de um dos primeiros estudos em São Tomé e Príncipe que tem como objectivo os guias turísticos. Tendo em conta o papel fundamental que estes profissionais podem desempenhar no fomento do turismo, um setor estratégico e fundamental na estruturação da economia local, há, de certo, muito ainda que pesquisar no âmbito da formação e do perfil profissional dos guias de turismo e mais especificamente na regulamentação da atividade dos mesmos e na relação do turismo com a degradação ambiental. Há em São Tomé e Príncipe muito ainda que investigar em termos de políticas públicas e de comprometimento das empresas com efetiva sustentabilidade do turismo.

Na senda do desenvolvimento das pessoas, o limite é o desenvolvimento sustentável deste país, um crescimento económico social e ambiental harmonioso que inclui a prática do turismo sustentável que vise a melhoria da qualidade de vida das comunidades locais receptoras e que ofereça aos visitantes uma experiência enriquecedora, além de manter a qualidade do meio ambiente do qual todos dependem. Como dizia Che Guevara (1928), o conhecimento faz-nos responsáveis.

## **Referências Bibliográficas**

- Amado, J. (2000). A Técnica de Análise de Conteúdo. *Revista Referência*, 5:53- 63.
- Andres R. J., Kasgnoc A. D. (1998). *A time-averaged inventory of subaerial volcanic sulfur emissions*. *J Geophys Res* 103:25251–25262 Cross Ref.
- Ansarah, M. G. R. (2002). *Formação e Capacitação do profissional em turismo e hotelaria*. São Paulo: Aleph. (Série Turismo)
- Bardin, L. (1995). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barreto, M. (2001). *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. Campinas/SP: Papirus.
- Bell, J. (1993). *Como Realizar um Projecto de Investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Beni, M. C. (2003). *Análise estrutural do turismo*. 8ª ed. Atual. São Paulo: Editora Senac São Paulo.
- Beni, M. C. (1992). Experiência internacional do ensino de turismo e hotelaria - modelos para avaliação. *Turismo e Análise*, 2: 7-21.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora, Lda
- Brito, B. (2007). *Turismo em São Tomé e Príncipe: potencialidades e constrangimentos do segmento ecológico*. *Juristep Bulletin*, 12 (3): 8-16
- Brito, B. (2006). Turismo Ecológico em contexto insular africano. O caso de São Tomé e Príncipe. *Turismo e Desenvolvimento* (Journal of Tourism and Development)
- Brito, B. (2004). *Turismo Ecológico: uma via para o Desenvolvimento sustentável em São Tomé e Príncipe*, tese de doutoramento, Lisboa, ISCTE
- Burgess, R. (1997). *A Pesquisa no Terreno: Uma Introdução*. Oeiras: Celta Editora.
- Carmo, H. & Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da Investigação: Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta
- Carneiro, K. S. & Faria, D. S. (2001). *Sustentabilidade ecológica no turismo*. Brasília: Universidade de Brasília.
- Chimenti, S. & Tavares, A. (2007). *Guia de Turismo: O profissional e a profissão*. São Paulo. Editora SENAC, 2007.
- Costa, P. C. P. (2002). Reflexões finais: a real contribuição do ecoturismo para a natureza. In: Neiman, Z. *Meio ambiente, educação ambiental e ecoturismo*. São Paulo.

- Cohen, L. & Manion, L. (1990). *Métodos de Investigación Educativa*. Madrid: Editorial la Muralla, S.A.
- Cohen, L. & Manion, L. (1995). *Research Methods in Education*. London: Croom Helm Ltd.
- Cooper, C. (2001). *Turismo: princípios e práticas*. 2 ed. Porto Alegre: Bookman.
- Comissão Mundial sobre Meio Ambiente (1988). *Nosso futuro comum*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- Denzin, N. & Lincoln, Y. (1994). *Handbook of Qualitative Research*. Thousand.Oaks CA:SAGE.
- Fideli, R. & Marradi, A. (1995). Entrevista. In *Enciclopedia delle scienze sociali*, vol, V:71-82.
- Ferreira, B. H. (1998). *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- Fortuna, C. & Ferreira, C. (1996). *O Turismo, o turista e a Pós-Modernidade*. Coimbra, Oficina do CES. Centro de Estudos Sociais, Outubro, nº 80.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1993). *O Inquérito. Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Hill, M. & Hill, A. (2002). *Investigação por Questionário*. Lisboa: Edições Sílabo, Lda.
- Ketele, J. & Roegiers, X. (1993). *Metodologia de Recolha de Dados*. Lisboa: Instituto Jean Piaget
- Kotler, P. (1998). *Administração de Marketing: análise, planeamento, implementação e controle*.(5 ed). São Paulo: Atlas
- Lindberg & Hawkins, (1995). *Ecoturismo um Guia para Planeamento e Gestão*. São Paulo. Edição Senac
- Marradi, A. & Piovani J. I (2007). *Metodologia de las ciencias socilales*. Buenos Aires. Emece Editores.
- Matalon, B. & Ghiglione, R. (1997). *O Inquérito – Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora, Lda
- Mateus, M. N. E. (2008). *O estudo do Meio Social como processo educativo de desenvolvimento local*. Bragança: IPB.
- McCannel, D. (1973). *Staged authenticity: arrangements of social space in Tourist Settings*. American Journal of Sociology

- Neiman, Z. & Rabinovici, A. (2002). O cerrado como instrumento para educação ambiental em atividades de ecoturismo. In Neiman, Z. (Org). *Meio ambiente, educação ambiental e ecoturismo*. São Paulo: Manole.
- OMT, (1999). O código mundial da ética do turismo. *Artigo 3º do Código Mundial de Ética do Turismo*.
- Pearce, D. (1998). *Tourist development*. Harlow, Longman, 1989. In: Beni, Mário Carlos.
- Perez, X. P. (2009). *Turismo Cultural: Uma visão antropológica*. Tenerife, Espanha: El Sauzal.
- Pires, P.S. (1998). A dimensão conceitual do ecoturismo. *Turismo – Visão e ação*. 1(1): 3-6
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rejowski, M. & Solha, K. T. (2002). *Turismo em um Cenário de Mudanças*. In: *Turismo no Percurso do Tempo*. Miriam Rejowski (org.). São Paulo: Aleph, 2002.
- Rosental, C. & Frémontier-Murphy, C. (2002). *Introdução aos Métodos Quantitativos em Ciências Humanas Sociais*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Ruschmann, D. (1997). *Turismo e planejamento sustentável*. São Paulo: Papyrus.
- Silva, A. S. & Pinto, J. M. (2009). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Simões, M. L. N. (2003). *Políticas Culturais no Estado da Bahia*. *Jornal A Tarde*, 5 de jan. caderno 2.
- Sutton, W. A. (1967). *Travel and understanding: notes on the social structure of touring*. *International Journal of Comparative*
- Trigo, L. G. G. (2001). A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo. 5 ed. Campinas: Papyrus. (Coleção turismo).
- Vala, J. (1993). A Análise de Conteúdo. In A. Silva e J. Pinto (Ogrs.) *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento. pp. 101-128.
- Vala, J. (1986). A análise do conteúdo. In Silva, A. S. & Pinto, J. M. (org.). *Metodologia das ciências sociais*. 8ª ed Porto: Afrontamento.
- Valle, I. A. (2004). *O guia de turismo: conhecendo o passado e o presente para projetar o futuro*. Dissertação de Mestrado em Cultura e Turismo. UESC. Ilhéus-BA.

- Vieira, C. M. (1999). A credibilidade da investigação científica de natureza qualitativa: questões relativas à sua fidelidade e credibilidade. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano XXXIII (2): 11-89
- World Tourist Organization.(1993). World Tourist Statistics. Madrid. WTO
- World Tourist Organization.(1999). World Tourist Statistics. Madrid. WTO
- WTO. (2006). *Tourism and Least Developer Countries. A sustainable opportunity to reduce poverty*. Madrid, WTO.
- WWF.(2001). *Missão Organização internacional não governamental para a conservação, investigação e recuperação ambiental*. Brasil.

## **Anexos**



**ANEXO I – GUIÃO DA PRIMEIRA ENTREVISTA AOS GUIAS TURÍSTICOS DE STP**

**GUIÃO DE ENTREVISTA**

**Primeira Entrevista aos Guias Turísticos de STP**

**Tema:** Educação Ambiental para o Desenvolvimento Sustentável em STP

**Objetivo geral:** Recolha dos testemunhos dos guias turísticos acerca da relação entre a EA e o Turismo Sustentável

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Questões</b>
<b>A. Legitimação e motivação da entrevista</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Informar o entrevistado sobre o tema e os objetivos da entrevista;</li> <li>- Criar um clima de empatia entre entrevistador e entrevistado;</li> <li>- Solicitar ajuda do guia turístico pois o seu contributo é imprescindível para o êxito do trabalho;</li> <li>- Assegurar o carácter confidencial das informações prestadas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Podemos realizar a entrevista?</li> <li>- Dá autorização para gravar as suas respostas?</li> </ul>
<b>B. Formação académica e atividade profissional</b>	<p><b>B1.</b> Atividade profissional;</p> <p><b>B2.</b> Tempo de trabalho como guia turístico;</p> <p><b>B3.</b> Formação para o exercício de atividade como guia turístico.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Qual é a atividade profissional que exerce?</li> <li>- Quanto tempo, em média, dedica à atividade de guia turístico, por semana?</li> <li>- Considera suficiente?</li> <li>- Que tipo de formação possui para exercer a sua atividade de guia turístico?</li> </ul>
	<b>C1.</b> Relação da formação dos guias turísticos com a EA; Práticas utilizadas, no terreno, pelos guias turísticos de STP.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Na sua formação como guia turístico abordou questões ligadas à EA?</li> <li>- De que forma?</li> <li>- Com que frequência?</li> <li>- Considera que a abordagem que fez relativamente à EA é suficiente para organizar as suas visitas turísticas?</li> <li>- Considera importante que os guias turísticos de STP tenham formação adequada para promover um turismo sustentável, de acordo de acordo</li> </ul>



**ANEXO II – GUIÃO DA SEGUNDA ENTREVISTA AOS GUIAS TURÍSTICOS DE STP**

**GUIÃO DE ENTREVISTA**

**Segunda Entrevista aos Guias Turísticos de STP**

**Tema:** Educação Ambiental para o Desenvolvimento Sustentável em STP

**Objetivo geral:** recolha dos testemunhos dos guias turísticos acerca de educação e práticas ambientais

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Questões</b>
<b>A.</b> Legitimação e motivação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Informar o entrevistado sobre o tema e os objetivos da entrevista;</li> <li>- Criar um clima de empatia entre entrevistador e entrevistado;</li> <li>- Solicitar ajuda do guia turístico pois o seu contributo é imprescindível para o êxito do trabalho;</li> <li>- Assegurar o caráter confidencial das informações prestadas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Podemos realizar a entrevista?</li> <li>- Dá autorização para gravar as suas respostas?</li> </ul>
<b>B.</b> Educação e práticas ambientais	<p><b>B1.</b> Aspetos históricos e culturais de STP;</p> <p><b>B2.</b> Conceitos de educação ambiental e turismo sustentável;</p> <p><b>B3.</b> Técnicas e práticas profissionais.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- De que forma os aspetos históricos e culturais de STP são, ou não, um entrave à promoção de um turismo ambiental sustentável?</li> <li>- Em que medida a aquisição dos conceitos e de Educação Ambiental e de turismo sustentável lhe permitirão melhorar a sua prática profissional?</li> <li>- Os conhecimentos adquiridos são facilitadores de uma melhoria profissional que tenha presente as questões ambientais?</li> <li>- Esta formação alterou a sua visão sobre o que é a sua função, enquanto elo de ligação entre o turista e o produto turístico local,</li> <li>- Esta formação permitiu-lhe ganhar mais consciência ambiental, no sentido de promover um desenvolvimento turístico ambiental sustentável?</li> </ul>

### ANEXO III – TERMO DE CONSENTIMENTO DA ASSOCIAÇÃO MONTE PICO

#### Termo de consentimento livre e esclarecido

Exmo Senhor Presidente da Associação Monte Pico,

Sou estudante do curso de Mestrado em Educação Ambiental no Instituto Politécnico de Bragança em Portugal. Estou a realizar um estudo sob a orientação da professora doutora Maria do Nascimento Mateus cujos objetivos são os seguintes:

- identificar que tipo de formação os guias turísticos de STP têm para o exercício da sua atividade profissional, no sentido de poderem contribuir para um turismo sustentável;
- Conhecer as práticas utilizadas pelos guias turísticos de STP, no sentido de promoverem um turismo ambiental sustentável;
- Evidenciar a função dos guias de turismo, enquanto elos de ligação entre o turista e o produto turístico local, na promoção do crescimento da consciência ambiental e no desenvolvimento do turismo responsável.

No âmbito desse estudo, pretendo realizar entrevistas com os guias turísticos da Associação Monte Pico. As entrevistas serão gravadas e transcritas, a participação dos guias no estudo é voluntária e na publicação dos resultados a identidade dos participantes será mantida no mais rigoroso sigilo.

Assim, venho por este meio pedir a sua autorização para a realização das referidas entrevistas.



Atenciosamente,

São Tomé, 09 de março de 2013

Eugénio dos Santos Neves

*António  
segundo  
presidente  
Associação Monte Pico*

## **ANEXO IV – TERMO DE CONSENTIMENTO DA ASSOCIAÇÃO DOS GUIAS TURÍSTICOS DE STP**

### **Termo de consentimento livre e esclarecido**

Exmo Senhor Presidente da Associação dos Guias Turísticos de STP,

Sou estudante do curso de Mestrado em Educação Ambiental no Instituto Politecnico de Bragança em Portugal. Estou a realizar um estudo sob a orientação da professora doutora Maria do Nascimento Mateus cujos objetivos são os seguintes:

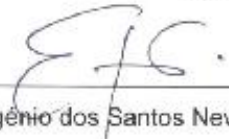
- identificar que tipo de formação os guias turísticos de STP têm para o exercício da sua atividade profissional, no sentido de poderem contribuir para um turismo sustentável;
- Conhecer as práticas utilizadas pelos guias turísticos de STP, no sentido de promoverem um turismo ambiental sustentável;
- Evidenciar a função dos guias de turismo, enquanto elos de ligação entre o turista e o produto turístico local, na promoção do crescimento da consciência ambiental e no desenvolvimento do turismo responsável.

No âmbito desse estudo, pretendo realizar entrevistas com os guias turísticos da Associação dos Guias Turísticos de STP. As entrevistas serão gravadas e transcritas, a participação dos guias no estudo é voluntária e na publicação dos resultados a identidade dos participantes será mantida no mais rigoroso sigilo.

Assim, venho por este meio pedir a sua autorização para a realização das referidas entrevistas.

Atenciosamente,

São Tomé, 09 de março de 2013

  
Eugénio dos Santos Neves

*Autorizado*  
*Walter*  
*Associação dos Guias Turísticos de STP*  
*13/03/13*

## **ANEXO V – TRANSCRIÇÃO INTEGRAL DA PRIMEIRA ENTREVISTA**

### **Transcrição da E1**

#### **Sujeito GAGTSTP1**

- Podemos realizar a entrevista?

*R: Sim, podemos.*

- Dá autorização para gravar as suas respostas?

*R: Sim, podemos gravar.*

- Qual é a atividade profissional que exerce?

*R: Guia Turístico e professor*

- Quanto tempo, em média, dedica à atividade de guia, por semana? Considera suficiente?

*R: Cerca de três saídas por semana.*

- Que tipo de formação possui para exercer a sua atividade de guia de turístico?

*R: Tenho formação prática e pequenas formações pontuais.*

- Na sua formação como guia turístico abordou questões ligadas à EA? De que forma? Com que frequência?

*R: Sim, tive uma noção eu trabalho numa agência de viagem e turismo e participamos pontualmente em seminários sobre meio ambiente.*

- Considera que a abordagem que fez relativamente à EA é suficiente para organizar as suas visitas turísticas?

*R: Não, de maneira alguma, penso que devemos ser constantemente formados.*

- Considera importante que os guias turísticos de STP tenham formação adequada para promover um turismo sustentável, de acordo de acordo com os diferentes tipos de público?

*R: A formação profissional e contínua será determinante.*

- Que medidas aponta nesse sentido?

*R: Apostar na formação dos guias, dos jovens, e das crianças. Inculir nas pessoas a preservar o que temos porque se preservamos o ambiente, teremos um turismo sustentável. Educar os turistas a dar a sua contribuição na preservação do nosso ambiente.*

- Como organiza, no terreno, as suas visitas?

*R: Como trabalho diretamente ligada a uma agência de turismo, os contactos são feitos pela agência. Quando recebo os turistas definimos o roteiro, verificamos o tempo e partimos para a visita.*

- Tem em conta diferentes públicos?

*R: Claro que sim. Trabalho com portugueses, franceses e alemães cada nacionalidade tem a sua particularidade e temos que estar atentos a satisfazer as expectativas de cada um.*

- Tem em conta evidenciar o que STP pode oferecer no sentido de preservação da natureza?

*R: Sim claro, os turistas normalmente estão tão sensibilizados e facilitam este tipo de prática em STP. Procuro abordar questões ligadas ao meio ambiente e normalmente pelos locais que visitamos por exemplo jardim botânico e parque Obô e os turistas vêm que conceitos ligados a preservação da natureza já é um facto no país.*

- Sente que os públicos com os quais trabalha estão sensibilizados para a prática de um turismo ambiental sustentável?

*R: Todos os meus clientes estão sensíveis, acatam os conselhos e informações que no fundo, eles conhecem, está a nível de todos eles.*

- Em que baseia a sua opinião?

*R: Nas atitudes e comportamentos dos meus clientes, eles estão sempre muito satisfeitos.*

- Sente dificuldades em concretizar, no terreno, essa prática?

*R: Sinto alguma.*

- Quais são essas dificuldades?

*R: Formação em meio ambiente, falta de equipamentos de segurança.*

- Como estabelece a ligação entre os temas de carácter ambiental abordados nas suas visitas turísticas e os públicos com os quais trabalha?

*R: Explico que não pode haver turismo se não protegemos a natureza. Insisto na proteção e preservação do meio ambiente.*

- Na sua opinião considera importante a função que os guias turísticos de STP desempenham enquanto elos de ligação entre o turista e o produto turístico oferecido localmente?

*R: Sim claro, os guias é aquele que dá a cara e que leva os visitantes ao contacto dos produtos turístico.*

- Qual o impacto que o seu trabalho tem nos visitantes/ turistas?

*R: Bastante positivo, muitos clientes meus voltam para São Tomé porque ficam com boa impressão.*

## **Transcrição da E1**

### **Sujeito GAGTSTP2**

- Podemos realizar a entrevista?

*R: Sim, podemos.*

- Dá autorização para gravar as suas respostas?

*R: Sim, podemos gravar.*

- Qual é a atividade profissional que exerce?

*R: Guia Turístico e motorista*

- Quanto tempo, em média, dedica à atividade de guia, por semana? Considera suficiente?

*R: Três a quatro dias por semana.*

- Que tipo de formação possui para exercer a sua atividade de guia de turístico?

*R: Não tenho formação propriamente dita, tenho alguma experiência profissional.*

- Na sua formação como guia turístico abordou questões ligadas à EA? De que forma? Com que frequência?

*R: Tenho aprendido algumas coisas com os meus clientes, os turistas.*

- Considera que a abordagem que fez relativamente à EA é suficiente para organizar as suas visitas turísticas?

*R: Não é suficiente, será necessário saber mais sobre essa matéria.*

- Considera importante que os guias turísticos de STP tenham formação adequada para promover um turismo sustentável, de acordo de acordo com os diferentes tipos de público?

*R: Sim, o guia é a peça fundamental.*

- Que medidas aponta nesse sentido?

*R: R: O estado deve criar escola de formação profissional para os guias e penso também que deve haver apoios do sector privado.*

- Como organiza, no terreno, as suas visitas?

*R: Organizo visitas ao parque Obô, às Roças de cacau, ao Pico de São Tomé, ao Norte, ao Centro de ao Sul da ilha de São Tome.*

- Tem em conta diferentes públicos?

*R: Sim. Trabalho com portugueses, franceses e angolanos e tento adaptar as visitas conforme o público.*

- Tem em conta evidenciar o que STP pode oferecer no sentido de preservação da natureza?

*R: Sim sempre que tenho oportunidade procuro oferecer o que há de melhor em São Tomé, as nossas roças, a flora e a fauna no parque Obô, artesanato e gastronomia.*

- Sente que os públicos com os quais trabalha estão sensibilizados para a prática de um turismo ambiental sustentável?

*R: Ficam todos sensibilizados e satisfeitos.*

- Em que baseia a sua opinião?

*R: Nas atitudes e nos comentários que meus clientes fazem.*

- Sente dificuldades em concretizar, no terreno, essa prática?

*R: As vezes, é-me difícil explicar algo pontual muito específico... mas nem sempre.*

- Quais são essas dificuldades?

*R: Falta de mais preparação, mais informação ou formação profissional essencialmente.*

- Como estabelece a ligação entre os temas de carácter ambiental abordados nas suas visitas turísticas e os públicos com os quais trabalha?

*R: Dependendo do tipo de visita, aproveito para explicar as implicações ambientais e falar da necessidade de proteger natureza.*

- Na sua opinião considera importante a função que os guias turísticos de STP desempenham enquanto elos de ligação entre o turista e o produto turístico oferecido localmente?

*R: Sim, claramente.*

- Qual o impacto que o seu trabalho tem nos visitantes/ turistas?

*R: Penso que impacto tem a ver a boa imagem de São Tomé que os turistas levam e do nosso trabalho.*

## **Transcrição da E1**

### **Sujeito GAGTSTP3**

- Podemos realizar a entrevista?

*R: Sim, podemos.*

- Dá autorização para gravar as suas respostas?

*R: Sim, podemos gravar.*

- Qual é a atividade profissional que exerce?

*R: Guia turístico e comercial numa rent-a-car*

- Quanto tempo, em média, dedica à atividade de guia, por semana? Considera suficiente?

*R: Quatro dias por semana.*

- Que tipo de formação possui para exercer a sua atividade de guia de turístico?

*R: Tenho apenas experiência profissional.*

- Na sua formação como guia turístico abordou questões ligadas à EA? De que forma? Com que frequência?

*R: Não, as vezes tento explicar algo sobre meio-ambiente quando os clientes perguntam mas as minhas visitas se concentram mais na cidade e na zona norte e não no parque Obô.*

- Considera que a abordagem que fez relativamente à EA é suficiente para organizar as suas visitas turísticas?

*R: Tenho muito pouco conhecimento sobre a EA e estou interessado em aprender para poder melhor servir aos turistas.*

- Considera importante que os guias turísticos de STP tenham formação adequada para promover um turismo sustentável, de acordo de acordo com os diferentes tipos de público?

*R: Sim, a formação será muito importante para o trabalho dos guias.*

- Que medidas aponta nesse sentido?

*R: Deve haver da parte do MTCI uma maior responsabilidade com os guias, criar a legislação para o sector e cursos técnicos para a classe. Penso que os privados devem colaborar.*

- Como organiza, no terreno, as suas visitas?

*R: Normalmente, tenho contacto desde Portugal, os turistas quando chegam recebo-os no aeroporto, fazemos um briefing e definimos o programa da semana.*

- Tem em conta diferentes públicos?

*R: Trabalho essencialmente com portugueses e espanhóis, devido a questão de língua.*

- Tem em conta evidenciar o que STP pode oferecer no sentido de preservação da natureza?

*R: Procuo mostrar o melhor que o país pode oferecer, quando os meus clientes pedem para visitar o jardim botânico ou o parque natural obô, deixo-lhes com os guias especializados para falar da preservação da natureza.*

- Sente que os públicos com os quais trabalha estão sensibilizados para a prática de um turismo ambiental sustentável?

*R: Penso que sim, mas confesso que não abordamos muito esta questão durante as nossas visitas.*

- Em que baseia a sua opinião?

*R: Como não sou especialista na matéria, eu e os meus clientes quase não falamos desse tema.*

- Sente dificuldades em concretizar, no terreno, essa prática?

*R: Pelos vistos sim, gostava de aprender mais sobre este assunto para poder abordar o assunto com os meus clientes.*

- Quais são essas dificuldades?

*R: Falta de conhecimento específico e formação.*

- Como estabelece a ligação entre os temas de carácter ambiental abordados nas suas visitas turísticas e os públicos com os quais trabalha?

*R: Como tinha dito anteriormente, quase não abordo este assunto nas minhas visitas, mas vou passar a falar desse assunto.*

- Na sua opinião considera importante a função que os guias turísticos de STP desempenham enquanto elos de ligação entre o turista e o produto turístico oferecido localmente?

*R: Sim, o guia pode mesmo apoiar o governo na promoção do país.*

- Qual o impacto que o seu trabalho tem nos visitantes/ turistas?

*R: Os meus clientes saem muito satisfeitos e com um melhor conhecimento do país.*

## **Transcrição da E1**

### **Sujeito GAMP1**

- Podemos realizar a entrevista?

*R: Sim, podemos.*

- Dá autorização para gravar as suas respostas?

*R: Sim, podemos gravar.*

- Qual é a atividade profissional que exerce?

*R: Guia Turístico e agricultor*

- Quanto tempo, em média, dedica à atividade de guia, por semana? Considera suficiente?

*R: Sempre que eu for chamado a exercer...*

- Que tipo de formação possui para exercer a sua atividade de guia de turístico?

*R: Só tenho alguma prática e experiência profissional.*

- Na sua formação como guia turístico abordou questões ligadas à EA? De que forma? Com que frequência?

*R: Não, na formação prática só falamos sobre técnicas de guia, a formação foi sobre guia turístico.*

- Considera que a abordagem que fez relativamente à EA é suficiente para organizar as suas visitas turísticas?

*R: Não, não é suficiente, precisamos de mais formação.*

- Considera importante que os guias turísticos de STP tenham formação adequada para promover um turismo sustentável, de acordo de acordo com os diferentes tipos de público?

*R: É urgente dar uma formação profissional e mais direcionada aos guias*

- Que medidas aponta nesse sentido?

*R: A contribuição do turista pode ser importante, cada turista dar uma cotização. Outra medida é organizar uma formação específica para os guias.*

- Como organiza, no terreno, as suas visitas?

*R: Primeiro faço uma introdução e conforme os clientes e roteiro, avançamos para a visita*

- Tem em conta diferentes públicos?

*R: Sim. Os franceses e alemães gostam mais de caminhadas na floresta, os portugueses gostam mais de visitar as roças.*

- Tem em conta evidenciar o que STP pode oferecer no sentido de preservação da natureza?

*R: Claro a maior parte das nossas visitas acontecem no parque Obô e no parque há regras a cumprir. Também faço parte da uma Associação Monte Pico onde se aborda essas questões de proteção das plantas, eliminação das plantas invasoras e aprendemos também a controlar as pessoas que vão visitar o parque natural, no sentido de não deitarem lixo no parque, não retirar as plantas etc... São umas normas com as quais temos que ter cuidado.*

- Sente que os públicos com os quais trabalha estão sensibilizados para a prática de um turismo ambiental sustentável?

*R: Sinto, parece que todos os meus clientes vêm já com esta ideia e ficam bastante interessados na forma como protegemos o ambiente.*

- Em que baseia a sua opinião?

*R: Quando falamos das regras do parque que têm que ser cumpridas por exemplo não deitarem lixo no parque, não retirar as plantas eles ficam muito satisfeitos.*

- Sente dificuldades em concretizar, no terreno, essa prática?

*R: Sinto bastante dificuldades em concretizar, no terreno, essa prática.*

- Quais são essas dificuldades?

*R: Falta de mais formação teórica e em matéria de meio ambiente, guia de turismo e língua estrangeira.*

- Como estabelece a ligação entre os temas de carácter ambiental abordados nas suas visitas turísticas e os públicos com os quais trabalha?

*R: Eu sou o guia de Monte Pico e normalmente trabalho no parque e a maior parte de visitas que faço é no parque então normalmente trabalho com os turistas que gostam de visitar o parque natural.*

- Na sua opinião considera importante a função que os guias turísticos de STP desempenham enquanto elos de ligação entre o turista e o produto turístico oferecido localmente?

*R: Muito importante a função dos guias porque eles é que mostram o produto turístico aos turistas.*

- Qual o impacto que o seu trabalho tem nos visitantes/ turistas?

*R: Os turistas ficam muito satisfeitos com o nosso trabalho de guia e ajudam-nos a proteger e preservar o nosso ambiente. Nenhum turista sai de São Tomé com as plantas endémicas.*

## **Transcrição da E1**

### **Sujeito GAMP2**

- Podemos realizar a entrevista?

*R: Sim, podemos.*

- Dá autorização para gravar as suas respostas?

*R: Sim, podemos gravar.*

- Qual é a atividade profissional que exerce?

*R: Guia Turístico e agricultor*

- Quanto tempo, em média, dedica à atividade de guia, por semana? Considera suficiente?

*R: Quando houver clientes.*

- Que tipo de formação possui para exercer a sua atividade de guia de turístico?

*R: Tenho pequenas formações dadas pelas várias instituições como Monte Pico e Parque Obô ligadas aos trabalhos de guia no Parque Obô.*

- Na sua formação como guia turístico abordou questões ligadas à EA? De que forma? Com que frequência?

*R: Sim algumas ideias. EA para mim é manter os lugares limpos como o Parque Nacional Obô e jardim botânico.*

- Considera que a abordagem que fez relativamente à EA é suficiente para organizar as suas visitas turísticas?

*R: Ainda muito pouco, se houver possibilidades de mais formação é sempre bem-vinda.*

- Considera importante que os guias turísticos de STP tenham formação adequada para promover um turismo sustentável, de acordo de acordo com os diferentes tipos de público?

*R: Claro, formação profissional e contínua.*

- Que medidas aponta nesse sentido?

*R: O governo e os privados devem encontrar uma forma de criar cursos de especialização para os guias de turismo.*

- Como organiza, no terreno, as suas visitas?

*R: O meu trabalho de guia está maioritariamente concentrado no Parque Obô onde recebo os turistas e faço-lhes visitar Jardim Botânico e os três roteiros do parque, flora, fauna e a população a volta do parque.*

- Tem em conta diferentes públicos?

*R: Claro, as visitas são organizadas conforme o pedido e o tipo de público envolvido.*

- Tem em conta evidenciar o que STP pode oferecer no sentido de preservação da natureza?

*R: É nossa missão enquanto guias ligados ao Parque Natural Obô, mostrar em primeiro lugar do projeto que o estado tem relativamente a preservação da natureza ligada ao Parque Natural Obô. As medidas que são tomadas pelo Ministério de Agricultura para proteger e conservar a natureza. E, por isso, todos os meus clientes são convidados a passar pelo Jardim Botânico, a sede do Parque.*

- Sente que os públicos com os quais trabalha estão sensibilizados para a prática de um turismo ambiental sustentável?

*R: Olha penso que a sensibilização que sentimos nos turistas sobre esses temas é ainda maior que a nossa, o que nos obriga a interessarmo-nos cada vez mais sobre temas.*

- Em que baseia a sua opinião?

*R: Nos conhecimentos aprofundados que os clientes têm sobre temas específicos como a fauna, flora, a biodiversidade etc..e a necessidade e o desafio da proteger e conservar tudo isso, num país com poucos recursos financeiros.*

- Sente dificuldades em concretizar, no terreno, essa prática?

*R: Não propriamente, preciso apenas de aperfeiçoar-me em línguas estrangeiras.*

- Quais são essas dificuldades?

*R: Alguma formação específica e falar francês e inglês..*

- Como estabelece a ligação entre os temas de carácter ambiental abordados nas suas visitas turísticas e os públicos com os quais trabalha?

*R: Eu normalmente nas minhas atividades, faço muita sensibilização aos turistas sobre a proteção do meio ambiente. E os roteiros são selecionados de modo a pensar na sensibilização ligadas ao trabalho do Parque, insistindo no facto de que em ambiente não haverá turismo.*

- Na sua opinião considera importante a função que os guias turísticos de STP desempenham enquanto elos de ligação entre o turista e o produto turístico oferecido localmente?

*R: Sim, o guia pode mesmo apoiar o governo na promoção do país. O guia é uma peça determinante no desenvolvimento do turismo em STP.*

- Qual o impacto que o seu trabalho tem nos visitantes/ turistas?

*R: Os turistas manifestam o gosto pelo país e colaboram, cumprindo as regras e as boas práticas ensinadas, não levam plantas nem animais, tenho recebido muitos elogios sobre o meu trabalho.*

## **Transcrição da E1**

### **Sujeito GAMP3**

- Podemos realizar a entrevista?

*R: Sim, podemos.*

- Dá autorização para gravar as suas respostas?

*R: Sim, podemos gravar.*

- Qual é a atividade profissional que exerce?

*R: Guia Turístico e agricultor*

- Quanto tempo, em média, dedica à atividade de guia, por semana? Considera suficiente?

*R: Sempre que eu for contactado pelos clientes...*

- Que tipo de formação possui para exercer a sua atividade de guia de turístico?

*R: Não tenho formação, participo em alguns ateliês da Associação Monte Pico e do Parque Obô*

- Na sua formação como guia turístico abordou questões ligadas à EA? De que forma? Com que frequência?

*R: Não. Falamos mais sobre a botânica, algumas informações sobre a importância da proteção e conservação da natureza.*

- Considera que a abordagem que fez relativamente à EA é suficiente para organizar as suas visitas turísticas?

*R: Não, claro que não é suficiente, já tenho prática no terreno, tudo quanto é meio ambiente estou treinado mas se houver mais formação é sempre bem-vinda.*

- Considera importante que os guias turísticos de STP tenham formação adequada para promover um turismo sustentável, de acordo de acordo com os diferentes tipos de público?

*R: Sim, sem dúvida, formação técnica e especializada.*

- Que medidas aponta nesse sentido?

*R: Fazer parcerias com outras instituições estrangeiras para montar e realizar cursos para guias.*

- Como organiza, no terreno, as suas visitas?

*R: Eu estou ligado ao Parque Natural Obô e portanto a maior parte das minhas visitas eu faço questão de levar os meus visitantes visitar o Parque onde explico tudo quanto sei, quando estou numa área que é protegida, explico as normas e falo das plantas endémicas e medicinais.*

- Tem em conta diferentes públicos?

*R: Sim, os meus clientes são essencialmente portugueses e franceses.*

- Tem em conta evidenciar o que STP pode oferecer no sentido de preservação da natureza?

*R: Com certeza, nós temos a obrigação de mostrar o Parque Natural Obô e falar do projeto de conservação da biodiversidade e os recursos naturais endémicos existentes no Parque.*

- Sente que os públicos com os quais trabalha estão sensibilizados para a prática de um turismo ambiental sustentável?

*R: Sim, os turistas com que eu trabalho, estão sempre interessados nesses temas*

- Em que baseia a sua opinião?

*R: Muitas vezes, são os próprios turistas que nos chamam atenção para comportamentos menos corretos que põem por em causa a sustentabilidade destas ilhas, como é o caso de derrubo indiscriminado das árvores.*

- Sente dificuldades em concretizar, no terreno, essa prática?

*R: Tenho ainda algumas deficiências sobretudo preciso aprender inglês.*

- Quais são essas dificuldades?

*R: Línguas estrangeiras, e formação mais especializada.*

- Como estabelece a ligação entre os temas de carácter ambiental abordados nas suas visitas turísticas e os públicos com os quais trabalha?

*R: Tenho a sorte de trabalhar sobretudo com um público especializado: ornitólogos, biólogos, botânico e estudantes. Assim torna-se mais fácil abordar temas ligados a preservação e conservação.*

- Na sua opinião considera importante a função que os guias turísticos de STP desempenham enquanto elos de ligação entre o turista e o produto turístico oferecido localmente?

*R: Sim, muito importante para a promoção do país.*

- Qual o impacto que o seu trabalho tem nos visitantes/ turistas?

*R: Ficam muito contentes com meu trabalho, passam a conhecer melhor a riqueza do interior de São Tomé.*

## **ANEXO VI – TRANSCRIÇÃO INTEGRAL DA SEGUNDA ENTREVISTA**

### **Transcrição de E2**

#### **Sujeito GAGTSTP1**

- Podemos realizar a entrevista?

*R: Sim podemos.*

- Dá autorização para gravar as suas respostas?

*R: Sim podemos.*

- De que forma os aspetos históricos e culturais de STP são, ou não, um entrave à promoção de um turismo ambiental sustentável?

*R: A história e a cultura de STP não são um entrave, mas sim uma mais-valia para a promoção de um turismo ambiental sustentável no nosso país. A história e cultura atraem os turistas a visitar o país, pois estes atrativos constituem produtos turísticos por excelência de um destino turístico, quanto mais conhecimento os turistas tiverem da história e cultura de um povo, melhor ele poderá contribuir para a sua proteção e preservação, esse turismo passará a ser mais sustentável.*

- Em que medida a aquisição dos conceitos de Educação Ambiental e de turismo sustentável lhe permitirão melhorar a sua prática profissional?

*R: Antes da formação, eu tinha uma vaga ideia sobre o que é a Educação Ambiental, agora já tenho uma noção mais clara sobre o que é a Educação Ambiental, mas sobretudo a formação permitiu uma mudança de comportamento para com o ambiente, passamos a ter mais consciência dos problemas ambientais, participamos de forma mais efetiva na sua solução e preservação...*

- Os conhecimentos adquiridos são facilitadores de uma melhoria profissional que tenha presente as questões ambientais?

*R: Claramente sou agora capaz de falar de questões ambientais com algum conhecimento.*

- Esta formação alterou a sua visão sobre o que é a sua função, enquanto elo de ligação entre o turista e o produto turístico local?

*R: Sim a formação veio consolidar a ideia que já tinha da importância dos guias turísticos na promoção de um destino turístico, dos seus atrativos e do desenvolvimento do turismo de uma forma geral. O guia tem um papel preponderante nesse processo e por isso, ele deve ser muito bem preparado, lembro-me que o meu professor dizia que não pode haver amadores nesta profissão.*

- Esta formação permitiu-lhe ganhar mais consciência ambiental, no sentido de promover um desenvolvimento turístico ambiental sustentável?

*R: Sem dúvida, esta formação despertou mais ainda a minha consciência para os problemas ambientais em STP e estou mais sensibilizado ainda a contribuir para a sua solução no meu sector de atividade, promovendo cada vez mais um turismo ambiental sustentável no meu país.*

## **Transcrição de E2**

### **Sujeito GAGTSTP2**

- Podemos realizar a entrevista?

*R: Sim podemos.*

- Dá autorização para gravar as suas respostas?

*R: Sim dou autorização.*

- De que forma os aspetos históricos e culturais de STP são, ou não, um entrave à promoção de um turismo ambiental sustentável?

*R: Aspetos históricos e culturais não podem ser entrave à promoção do turismo ambiental sustentável, a história e cultura são identidade de um povo, os turistas querem sempre conhecer e saber mais sobre a nossa história e a nossa cultura, na formação aprendemos que as nossas manifestações culturais, a nossa língua, a música etc... constituem junto com a nossa flora e fauna os nossos produtos turísticos que temos que promover, preservar, acredito que o turismo poderá contribuir bastante para isso mesmo.*

- Em que medida a aquisição dos conceitos de Educação Ambiental e de turismo sustentável lhe permitirão melhorar a sua prática profissional?

*R: Sinto que o que aprendi sobre a Educação Ambiental melhorou a minha atuação no terreno com os turistas, agora posso compreender melhor e analisar situações ambientais, de forma mais segura, sou mais interventivo junto dos meus clientes e meu comportamento perante a água, as plantas, os lixos mudaram e procuro transmitir toda essa experiência aos meus clientes contribuindo para garantir um meio ambiente saudável e a boa qualidade de vida.*

- Os conhecimentos adquiridos são facilitadores de uma melhoria profissional que tenha presente as questões ambientais?

*R: Sim, estou mais a vontade com os meus clientes e muito mais sensibilizado sobre as questões ambientais.*

- Esta formação alterou a sua visão sobre o que é a sua função, enquanto elo de ligação entre o turista e o produto turístico local?

*R: Não, já tinha a certeza da importância dos guias por isso a escolho esta profissão além de motorista. Esta formação veio confirmar a minha convicção, sem os guias a beleza do país não será conhecida.*

- Esta formação permitiu-lhe ganhar mais consciência ambiental, no sentido de promover um desenvolvimento turístico ambiental sustentável?

*R: Claro que sim, como havia dito antes agora posso compreender e falar de forma mais segura das situações ambientais com os meus clientes. Poupar água, preservar as plantas, produzir menos lixo possível contribuir para garantir um meio ambiente saudável e a boa qualidade de vida.*

## **Transcrição de E2**

### **Sujeito GAGTSTP3**

- Podemos realizar a entrevista?

*R: Sim podemos.*

- Dá autorização para gravar as suas respostas?

*R: Sim dou autorização.*

- De que forma os aspetos históricos e culturais de STP são, ou não, um entrave à promoção de um turismo ambiental sustentável?

*R: Aprendemos na formação que o turista quando viaja ele quer aprender e aprofundar os seus conhecimentos sobre a história e a cultura das populações locais, então acho que se a nossa história e a nossa cultura for bem promovidos, os turistas sairão muito satisfeitos com o nosso turismo. Mas penso que temos que trabalhar mais na valorização dos nossos costumes, as nossa língua e as nossas danças, tudo isso é ainda pouco conhecido, os guias deverão contribuir para isso.*

- Em que medida a aquisição dos conceitos de Educação Ambiental e de turismo sustentável lhe permitirão melhorar a sua prática profissional?

*R: Os conceitos de Educação Ambiental que aprendi na formação têm contribuído bastante no meu melhor desempenho, agora já posso falar com mais segurança dos ecossistemas florestais de São Tomé com os turistas, falo da importância da conservação da natureza para São Tomé e Príncipe, aconselho melhor os turistas sobre a sua contribuição para um turismo amigo do ambiente.*

- Os conhecimentos adquiridos são facilitadores de uma melhoria profissional que tenha presente as questões ambientais?

*R: Claramente, as questões ambientais passaram a ser tema mais falado com os turistas.*

- Esta formação alterou a sua visão sobre o que é a sua função, enquanto elo de ligação entre o turista e o produto turístico local?

*R: Sim, agora vejo a dimensão da importância do guia para a promoção do produto turístico e o desenvolvimento do turismo local.*

- Esta formação permitiu-lhe ganhar mais consciência ambiental, no sentido de promover um desenvolvimento turístico ambiental sustentável?

*R: Sem dúvida, a formação veio reforçar a minha consciência ambiental, agora compreendo melhor a importância de todos contribuímos para protegermos a nossa ilha da poluição, de abate descontrolado de árvores, captura abusiva e descontrolada de animais etc., agora acho que tenho muito mais respeito pelo ambiente que antes.*

## **Transcrição de E2**

### **Sujeito GAMP1**

- Podemos realizar a entrevista?

*R: Sim podemos.*

- Dá autorização para gravar as suas respostas?

*R: Sim autorizado.*

- De que forma os aspetos históricos e culturais de STP são, ou não, um entrave à promoção de um turismo ambiental sustentável?

*R: A história das roças de cacau e a cultura de uma população crioula com influências várias influências sobretudo africanas, são ingredientes com que animamos os turistas durante o nosso trabalho de guia por isso é uma vantagem mas ela pode ser um obstáculo se ela não for bem valorizada acho que as autoridades devem trabalhar mais na valorização das nossas tradições e isso terá uma vantagem para o turismo.*

- Em que medida a aquisição dos conceitos de Educação Ambiental e de turismo sustentável lhe permitirão melhorar a sua prática profissional?

*R: Eu já tinha algum conhecimento sobre a Educação Ambiental e tenho trocado experiências com clientes também especialistas na matéria mas depois desta formação senti-me mais refrescado, aprendi que a Educação Ambiental deve nos conduzir o cidadão a uma participação consciente no proteção do meio ambiente, é o que eu tenho procurado fazer.*

- Os conhecimentos adquiridos são facilitadores de uma melhoria profissional que tenha presente as questões ambientais?

*R: Sim, inclusive eu tenho sido chamado para animar algumas palestras e pequenas formações no quadro dos trabalhos do Parque Natural Obô.*

- Esta formação alterou a sua visão sobre o que é a sua função, enquanto elo de ligação entre o turista e o produto turístico local?

*R: Claro esta visão vai-se reforçando cada dia que passa, de que com guia vai-se muito longe.*

- Esta formação permitiu-lhe ganhar mais consciência ambiental, no sentido de promover um desenvolvimento turístico ambiental sustentável?

*R: Afirmativo como sabe eu sou um ambientalista porque trabalho no Parque Obô mas cada vez que participo nestas formações sinto que devo contribuir mais ainda para a mudança de comportamento de todos para o maior respeito pelo ambiente.*

## **Transcrição de E2**

### **Sujeito GAMP2**

- Podemos realizar a entrevista?

*R: Sim podemos.*

- Dá autorização para gravar as suas respostas?

*R: Sim autorizado.*

- De que forma os aspetos históricos e culturais de STP são, ou não, um entrave à promoção de um turismo ambiental sustentável?

*R: Os aspetos históricos e culturais se forem bem explorados e desenvolvidos são uma mais-valia, senão podem ser um entrave a promoção do turismo uma vez que os turistas não vão conhecer a nossa história e cultura.*

- Em que medida a aquisição dos conceitos de Educação Ambiental e de turismo sustentável lhe permitiram melhorar a sua prática profissional?

*R: Aquisição dos conceitos de Educação Ambiental permitiram melhorar a minha prática profissional porque agora passei a ter mais conhecimentos sou membro da associação Monte Pico conheço os problemas ambientais que temos em São Tome, abate de arvores, extração abusiva de areias, captura de animais e passos endémicos, agora com esses conhecimentos estou apto a contribuir de forma mais ativa para ajudar a diminuir esses problemas sensibilizando as pessoas e os turista.*

- Os conhecimentos adquiridos são facilitadores de uma melhoria profissional que tenha presente as questões ambientais?

*R: Sim, tenho tido cada vez mais pedidos de clientes especializados.*

- Esta formação alterou a sua visão sobre o que é a sua função, enquanto elo de ligação entre o turista e o produto turístico local?

*R: A formação melhorou bastante a minha visão quanto a função dos guias. Estou mais otimista quanto ao futuro.*

- Esta formação permitiu-lhe ganhar mais consciência ambiental, no sentido de promover um desenvolvimento turístico ambiental sustentável?

*R: Sim, já tinha consciência ambiental porque faço parte da Associação Monte Pico. Mas esta formação veio reforçar esta consciência e quero cada vez mais contribuir com o meu trabalho na mudança de comportamento das pessoas para o bem do turismo de São Tomé e Príncipe.*

## **Transcrição de E2**

### **Sujeito GAMP3**

- Podemos realizar a entrevista?

*R: Sim podemos.*

- Dá autorização para gravar as suas respostas?

*R: Sim dou autorização.*

- De que forma os aspetos históricos e culturais de STP são, ou não, um entrave à promoção de um turismo ambiental sustentável?

*R: Temos que valorizar a nossa cultura e ela está ligada às raízes históricas de São Tomé e Príncipe. Tradições, costumes, danças, músicas, folclore, artesanato, gastronomia são atrativos que é preciso promover para um melhorar a lista do produto turístico e desenvolver o turismo local.*

- Em que medida a aquisição dos conceitos de Educação Ambiental e de turismo sustentável lhe permitirão melhorar a sua prática profissional?

*R: Esses conceitos permitiram melhorar a minha prática profissional ao nível de mais conhecimento. A Educação Ambiental é como aprendemos, a formação do cidadão para participar ativamente da conservação do meio ambiente melhorando a qualidade de vida.*

- Os conhecimentos adquiridos são facilitadores de uma melhoria profissional que tenha presente as questões ambientais?

*R: Penso que sim, sinto-me muito mais seguro quando abordo questões ligadas ao turismo e meio ambiente.*

- Esta formação alterou a sua visão sobre o que é a sua função, enquanto elo de ligação entre o turista e o produto turístico local?

*R: Já sabia da importância da função do guia, mas agora tenho uma visão mais ampla da importância dos guias o que me anima bastante.*

- Esta formação permitiu-lhe ganhar mais consciência ambiental, no sentido de promover um desenvolvimento turístico ambiental sustentável?

*R: Sim, com certeza estou mais consciente dos problemas ambientais, estou mais preparado para atuar sempre com ações de respeitando pelo ambiente, sensibilizando os turistas, colaborando com o Parque Obô, agências de turismo ou outras instituições em prol do desenvolvimento da cidadania..*

## ANEXO VII – MODULO 1. ASPETOS HISTÓRICOS E CULTURAIS DE STP

<p><b>I. Plano de Aula:</b> 14-08-2013</p>
<p><b>II. Dados de Identificação:</b> Formação dos Guias Turísticos STP Professor: Eugénio Neves Disciplina: Aspectos Históricos e Culturais de STP Carga Horária: 4 aulas de 50 minutos Local : Biblioteca Nacional</p>
<p><b>III. Tema:</b> História e culturais de STP</p>
<p><b>IV. Objetivo geral:</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Apresentar as raízes históricas e identidade cultural sãotomense, os seus reflexos na prestação de serviços especializados, organização e execução de eventos sociais, culturais, artísticos e de de lazer.</li></ul> <p><b>Objetivos específicos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Conhecer a património histórico e cultural de STP e a sua relação com o turismo;</li><li>- Perceber a importância do conhecimento da história, da cultura e da arte na profissão dos guias turísticos;</li><li>- Promover debates e discussões acerca desta temática e sua interface com o turismo e meioambiente.</li></ul>
<p><b>V. Conteúdos programados:</b></p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Raízes históricas de uma sociedade crioula africana;</li><li>2. A cultura sãotomense: identidade cultural e santomensidade;<ol style="list-style-type: none"><li>2.1- Língua e crioulos;</li><li>2.2- Manifestações culturais;</li><li>2.3- Gastronomia;</li><li>2.3. Patrimónios;</li><li>2.4- Artesanato.</li></ol></li></ol>

**VI. Procedimentos metodológicos / orientação didática:**

- Exposição sobre a colonização das ilhas nos sec. XV e XVI.
- Visualização de um filme sobre a história de São Tomé e Príncipe, análise e comentários dirigidos sobre o ciclo de cana-de-açúcar, o tráfico de escravos e a economia das grandes plantações (roças) de cacau e de café...
- Exposição dialogada e levantamento de conhecimentos prévios dos formandos sobre a riqueza cultural de São Tomé e Príncipe. Línguas, crioulos, manifestações culturais gastronomia, ...
- Trabalhos práticos sobre a riqueza arquitetónica reconhecida: a fortaleza de São Sebastião, a catedral da Santa Sé. As manifestações religiosas, com origem na Igreja Católica.
- Visita ao museu São Sebastião e ao Centro de Arte, Cultura, Artesanato e Utopia (CACAU): pintura, escultura, artesanato e dança - Socopé (só com o pé), a Ússua, Puíta, Danço-Congo, Bligá, Stleva, entre outras - e encenações - o tchiloli e auto de Floripes.
- Apresentação de relatórios de visitas.

**VII. Recursos didáticos:**

- Quadro, giz, retro-projetor, textos de apoio e filmes.

**VIII. Avaliação:**

- Serão aplicadas avaliações formativas e somativas.
- As notas serão atribuídas na escala de 0-20 com arredondamento até as unidades.

**XIX. Bibliografia básica:**

- ✓ Castaño, I.F.A.(2012). *São Tomé e Príncipe: Cultura(s)/Património(s)/Museu(s)*. FCSH. Lisboa
- ✓ Ministério dos Negócios Estrangeiros de São Tomé e Príncipe. (1994) . *São Tome e Principe*. Bruxelas. MNE.
- ✓ <http://vida1.planetavida.org/paises/s-tome-e-principe/o-pais/historia-e-cultura-de-sao-tome-e-principe/> (Acedido em 12 abril 2013)

## ANEXO VIII – MODULO 2. CONCEITOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

<b>I. Plano de Aula:</b> 16-08-2013
<b>II. Dados de Identificação:</b> Formação de Guias Turísticos STP Professor: Eugénio Neves Disciplina: Educação Ambiental em STP Carga Horária: 4 aulas de 50 minutos Local : Biblioteca Nacional
<b>III. Tema:</b> - Educação Ambiental em STP
<b>IV. Objetivo geral:</b>  - Conhecer os principais ecossistemas florestais de STP, as potencialidades do litoral nacional bem como as perturbações e equilíbrios ambientais.  <b>Objetivos específicos:</b>  - Distinguir as espécies endémicas de espécies exóticas; - Perceber os principais impactos da desflorestação (ambientais, sociais e económicos); - Identificar as causas dos principais problemas ambientais associados ao litoral e os respetivos impactos. - Aprender as características e os benefícios de uma agricultura biológica; - Aprender conceitos relacionados com a gestão de resíduos sólidos urbanos.
<b>V. Conteúdos programados:</b>  1. Habitats e biodiversidade de STP 1.1 – Ecossistemas florestais; 1.2 – Litoral de STP. 2. Perturbações e equilíbrios ambientais 2.1– Agricultura biológica e familiar; 2.1– Resíduos e consumo responsável.
<b>VI. Procedimentos metodológicos / orientação didática:</b>

- Leitura e análise de textos de apoios;
- Identificação no mapa das ilhas, o Parque Natural Obô de São Tomé e o Parque Natural Obô do Príncipe;
- Identificação de 10 espécies vegetais endémicas para cada uma das ilhas;
- Debates e palestras com especialistas convidados sobre a floresta, a biodiversidade, o litoral de STP, os impactos ambientais;
- Criar um caderno de registo dos diferentes remedios naturais para as plantas e pesquisar informações sobre os inseticidas naturais na agricultura biológica;
- Assistir reportagem / filme sobre a gestão de resíduos sólidos urbanos e promover um debate sobre o tema, registos e divulgações das conclusões.
- Definir ações a serem desenvolvidas para uma campanha de limpeza.

**VII. Recursos didáticos:**

Quadro, giz, retro-projetor, filme, reportagem e textos de apoio.

**VIII. Avaliação:**

- Serão aplicadas avaliações formativas somativas;
- As notas serão atribuídas na escala de 0-20 com arredondamento até as unidades.

**XIX. Bibliografia básica:**

- ✓ Brito, B. (2007). *Turismo em São Tomé e Príncipe: potencialidades e constrangimentos do segmento ecológico*. Juristep Bulletin, nº 12, nº 3, Abril-Junho.
- ✓ Marapa, (2009). *Ecologia, Ambiente e Educação Ambiental em São Tomé e Príncipe*, São Tomé, CTA.
- ✓ Neves, E. (2012). Visita temática ao Parque Natural Obô. *Trabalho da cadeira Ecologia*. São Tomé.MEA
- ✓ Papafpa-Gef (2014). *Manual de Educação Ambiental – São Tomé e Príncipe. Ecossistemas, impactos ambientais e gestão responsável dos recursos naturais*. Marapa- Aspea.

### **ANEXO VIX – MODULO 3. TURISMO SUSTENTÁVEL**

<p><b>I. Plano de Aula :</b> 19-08-2013</p>
<p><b>II. Dados de Identificação:</b></p> <p>Formação dos Guias Turísticos STP Professor: Eugénio Neves Disciplina: Turismo Sustentável STP Carga Horária: 4 aulas de 50 minutos Local : Biblioteca Nacional</p>
<p><b>III. Tema:</b> Turismo sustentável</p>
<p><b>IV. Objetivo geral:</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Aprender estratégias sustentáveis capazes de reduzir as disparidades associadas e provocadas pelas diferentes dinâmicas sobre os territórios potencialmente turísticos.</li></ul> <p><b>Objetivos específicos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Conhecer os impactos ambientais produzidos pela atividade turística sobre a comunidade na qual se implanta;</li><li>- Transmitir os princípios básicos da sustentabilidade, na obtenção de modelos turísticos integrados na economia e na nova sociedade;</li><li>- Entender o ecoturismo como uma proposta coerente de utilização dos recursos naturais com benefícios sociais, ambientais e económicos;</li><li>- Apresentar as origens do turismo alternativo, como uma nova oportunidade de negócio desenvolvida em meios naturais e rurais pouco alterados;</li><li>- Defender turismo sustentável como via para o desenvolvimento sustentável.</li></ul>
<p><b>V. Conteúdos programados:</b></p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Análise geral do impacto do desenvolvimento turístico:<ol style="list-style-type: none"><li>1.1 - Impacto económico, sociocultural e ambiental do desenvolvimento sustentável nas atividades turísticas;</li><li>1.2 - Metodologia para a avaliação de impacto ambiental;</li></ol></li><li>2. Turismo alternativo e desenvolvimento sustentável:<ol style="list-style-type: none"><li>2.1- Evolução do conceito de sustentabilidade - Turismo sustentável, Turismo alternativo. Turismo rural. Ecoturismo;</li></ol></li></ol>

2.2- Desenvolvimento sustentável.

**VI. Procedimentos metodológicos / orientação didática:**

- Aulas expositivas na definição de conceitos ambientais prévios, impactos económicos, socioculturais e ambientais provocados pelas atividades turísticas sobre o meio, através de uma série de indicadores de sustentabilidade;
- Do mesmo modo, proporcionar alguns fundamentos dos diferentes métodos de avaliação económica dos danos ao ambiente e a metodologia para a realização de um estudo de impacto ambiental;
- Exposição dialogada sobre uma visão geral do novo ambiente do turismo no que se refere às alternativas do turismo convencional;
- Assistir uma reportagem sobre turismo ecológico e ecoturismo em espaço Rural na Roça São João de Angolares. Análise e debate sobre desenvolvimento dos espaços rurais como oportunidade de negócios;
- Abordagens sobre o desenvolvimento sustentável.

**VII. Recursos didáticos:** Quadro, giz, retro-projetor, textos de apoio, filmes

**VIII. Avaliação:**

- Serão aplicadas avaliações formativas e somativas;
- As notas serão atribuídas na escala de 0-20 com arredondamento até as unidades.

**XIX. Bibliografia básica:**

Brito, B. (2004). Turismo Ecológico: uma via para o desenvolvimento sustentável em STP. *Tese de Doutoramento* (não publicada). Lisboa: ISCTE.

Neves, E. (2014). São Tomé e Príncipe e os desafios do turismo sustentável: o caso do Ilhéu das Rolas. *Revista Internacional em língua portuguesa*. Lisboa: AULP.

<http://www.desenvolvimentosustentavel.pt/> (Acedido em 12 de junho 2013)

estratégia nacional para o desenvolvimento sustentável

<http://www.iturismo.pt/proturismo/PTHome.asp> (Acedido em 17 de junho 2013)

proturismo gerir com conhecimento

## ANEXO X – MODULO 4. TÉCNICAS E PRÁTICAS PROFISSIONAIS

<b>I. Plano de Aula:</b> 21-08-2013
<b>II. Dados de Identificação:</b>  Formação de Guias Turísticos STP Professor: Eugénio Neves Disciplina: Técnicas e práticas profissionais Carga Horária: 4 aulas de 50 minutos Local : Biblioteca Nacional
<b>III. Tema:</b> Técnicas e práticas profissionais
<b>IV. Objetivo geral:</b>  - Reconhecer a cadeia produtiva do turismo, identificando a importância do relacionamento dos serviços turísticos bem como as características específicas de cada segmento.  <b>Objetivos específicos:</b>  - Aprender as técnicas, as regras e os procedimentos de um guia turístico; - Ser um animador turístico; - Promover o destino e o produto turístico local; - Contribuir para o desenvolvimento do turismo ambiental sustentável.
<b>V. Conteúdos programados:</b>  - Os agentes de turismo, ações e práticas profissionais que lhes estão inerentes; - Identificação e execução das competências e funções de guia de turismo; - Tipos de serviço, descrição, procedimentos, problemas e soluções.
<b>VI. Procedimentos metodológicos / orientação didática:</b>  - Exposição dialogada sobre os agentes de turismo, as ações e as práticas profissionais dos agentes do turismo e nomeadamente dos guias turísticos;  - Assistir reportagem e filme sobre as competências e habilidades dos guias no ambiente de trabalho;

- Práticas simuladas sobre as técnicas e procedimentos;
- Visitas de estudos com trabalho de campo e simulações de contextos que compõem o repertório do trabalho por projeto.

**VII. Recursos didáticos:** Quadro, giz, retro-projetor, textos de apoio, filmes.

**VIII. Avaliação:**

- Serão aplicadas avaliações formativas e somativas.
- As notas serão atribuídas na escala de 0-20 com arredondamento até as unidades.

**XIX. Bibliografia básica:**

- ✓ Hintze, H. (2007). *Guia de turismo: Formação e perfil profissional*. São Paulo: Roca.
- ✓ Chimenti, S. & Tavares, A.M. *Guia de Turismo: o profissional e a profissão*. São Paulo: SENAC São Paulo, 2007.
- ✓ CHIMENTI, S.; TAVARES, A.M. *Guia de Turismo: o profissional e a profissão*. São Paulo: SENAC São Paulo, 2007.
- ✓ COOPER, C. *Turismo, princípios e prática*. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- ✓ IGNARRA, Luiz Renato. *Fundamentos do Turismo*. São Paulo: Pioneira, 2002.